

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
CURSO DE PSICOLOGIA

**Gabriela Sarturi Rigão**

**O LUGAR DA MÃE QUE MORREU NA NARRATIVA FAMILIAR**

Santa Maria, RS  
2019

**Gabriela Sarturi Rigão**

**O LUGAR DA MÃE QUE MORREU NA NARRATIVA FAMILIAR**

Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia, da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito para obtenção do grau de Psicóloga.

Orientadora: Caroline Rubin Rossato Pereira

Santa Maria, RS  
2019

Gabriela Sarturi Rigão

## O LUGAR DA MÃE QUE MORREU NA NARRATIVA FAMILIAR

Artigo de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Psicologia, da  
Universidade Federal de Santa Maria,  
como requisito parcial para obtenção do  
grau de Psicóloga.

Aprovado em 05 de dezembro de 2019:



---

**Caroline Rubin Rossato Pereira, Dra. (UFSM)**  
(Presidente/Orientadora)



---

**Ângela Roos Campeol, M<sup>a</sup>. (UFSC)**



---

**Luciane Najjar Smeha, Dra. (UFN)**

Santa Maria, RS  
2019

## THE PLACE OF THE MOTHER WHO DIED IN THE FAMILY NARRATIVE

**Gabriela Sarturi Rigão<sup>1</sup>, Caroline Rubin Rossato Pereira<sup>2</sup>**

### **RESUMO**

Este estudo objetivou compreender, através da perspectiva do pai, de que forma a figura materna se mantém presente em famílias com crianças que vivenciaram a morte da mãe. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritivo-exploratória. Com delineamento de estudo de caso coletivo, participaram quatro homens viúvos, pais de crianças cujas mães morreram. Os resultados mostram que após a morte, a família vai construindo lugares para a mãe, de forma que condizem com suas histórias familiares únicas. A comunicação da morte ao filho, os rituais e ações de ordem prática relacionadas a lembranças da mãe são as primeiras manifestações do novo lugar que a mãe ocupa após a morte. A perpetuação como uma figura idealizada, caracterizada positivamente e com destaque, mantém-se a guiar modelo de ser. Já nas relações familiares, entre pai e filho, a mãe tem seu lugar nas conversas, histórias, fotos e manutenção de seus ensinamentos e exemplos. Entende-se que as famílias encontram os espaços que são benéficos para si, relacionando-se com a imagem materna ao tempo que elaboram seus sentimentos de luto.

**Palavras-chave:** Luto familiar; Relações familiares; Morte materna.

### **ABSTRACT**

This study aimed to understand, through father's perspective, how the mother's figure remains present in families that the children experienced the mother's death. It is a qualitative, descriptive and exploratory research. With design of collective case study, four widowed men participated, parents of children whose mothers died. The results show that after the death, the family builds places for the mother, in a way that matches with the singular family stories. The communication about the death to the child, the rituals and the practical actions related to the mother's memory are the first manifestations of the new place occupied by the mother after her death. The perpetuation as an idealized figure, positively and prominently characterized, keeps guiding the being model. Already in the family relationships, between father and child, the mother has her place in the conversations, stories, photographs and in the maintaining of her teachings and examples. It is understood that the families find spaces that are beneficial to themselves, they relating to the maternal image at the same time that they elaborate their feelings of mourning.

**Keywords:** Family mourning; Family relationships; Maternal death.

---

<sup>1</sup> Acadêmica de Psicologia, autora; Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Maria.

<sup>2</sup> Psicóloga, orientadora; Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria.

## 1. INTRODUÇÃO

A cada tempo, a ciência evolui em busca de proteger a vida. Inúmeros medicamentos e tratamentos surgem e colocam barreiras às enfermidades. Porém, ao passo que avançou a ciência, avançaram também o medo e a negação da morte (KÜBLER-ROSS, 1998). Essas tecnologias, ao afastar a morte da realidade cotidiana, de certa forma, complexificaram o processo do luto familiar (WALSH; MCGOLDRICK, 1998). Todas as perdas requerem um luto, que reconheça a desistência e transforme a experiência, possibilitando internalizar o que é essencial e seguir em frente (WALSH; MCGOLDRICK, 1998).

O luto frente à perda do objeto amado constitui-se em um processo bastante difícil. Leandro e Freitas (2015) apontam que a morte de alguém com quem se tem importantes laços afetivos é um dos acontecimentos mais desorganizadores para o psiquismo do ser humano. Todavia, as autoras assinalam que, apesar das dificuldades, trata-se de um processo que, na maioria das vezes, pode ser vivenciado pouco a pouco. A partir de uma perspectiva sistêmica, Walsh e McGoldrick (1998) explicam a morte como um processo transacional que envolve o morto e os sobreviventes em etapas do ciclo de vida em comum, reconhecendo tanto a finitude advinda com a morte, quanto a continuidade da vida.

Dessa forma, se faz necessário compreender a morte e o luto em uma perspectiva sistêmica, que atente às repercussões ocasionadas por esses eventos para o sistema familiar, incluindo os efeitos imediatos e de longo prazo sobre os pais, filhos, irmãos, a família extensa e todos envolvidos no contexto familiar (WALSH; MCGOLDRICK, 1998). Nesse tocante, considera-se que a experiência de cada membro da família afeta o sistema familiar como um todo, de modo que o que ocorre com o indivíduo precisa ser compreendido em seu intercâmbio com os membros de sua família, sendo necessário atentar às interações e à reciprocidade entre os membros e o sistema (BOUSSO, 2008).

Quanto ao impacto da perda para a família, Silva (2009) enfatiza que a morte gera mudanças significativas no que tange à vida cotidiana de seus membros, ou seja, a família precisa aprender que ela nunca mais será a mesma, sendo atravessada por períodos de fragilidade, conflitos, redistribuição de tarefas, eventualmente insegurança financeira, entre outras questões que podem desestabilizar o sistema. O impacto da morte sobre o ciclo de vida da família rompe o equilíbrio do sistema

familiar, sendo que a intensidade da ruptura depende de vários fatores, entre eles, a posição e a função ocupada pela pessoa que morreu (BROWN, 1995).

Walsh e McGoldrick (1998) esclarecem que, após a morte do familiar, é necessária uma adaptação, o que não significa uma resolução no sentido da aceitação completa e definitiva da perda. Ao contrário, tal adaptação envolve a descoberta de maneiras de colocar a perda em perspectiva e seguir em frente com a vida. Assim, reestruturar a família sem a presença da pessoa que morreu, demanda que outras pessoas assumam os papéis e funções que anteriormente eram desempenhados por essa pessoa. Nesse sentido, a perda de um dos pais ou cuidador primário se apresenta como um difícil e importante desafio, visto que, além de desempenhar as funções centrais de provedor dos cuidados, acarreta uma perda emocional bastante complexa de ser elaborada (WALSH; MCGOLDRICK, 1998).

A morte de um dos pais, segundo Leandro e Freitas (2015), se configura como uma das maiores crises da vida da criança, visto a dificuldade para aceitar a perda de um objeto de amor do qual ela ainda depende para sua sobrevivência, tanto física quanto emocional e psiquicamente. As autoras explicam que o modo como a criança vivencia o processo de luto depende da forma como esse processo ocorre com os adultos, das informações que a criança possui a esse respeito, bem como, do auxílio que o pai sobrevivente poderá fornecer diante da situação de perda. Dessa forma, no caso de morte da mãe, o comportamento do pai influenciará na elaboração do luto pela criança.

Emer, Moreira e Hass (2016) em pesquisa com quatro pais de crianças cujo um dos progenitores encontrava-se em iminência de morte, buscaram entender a dificuldade da comunicação de más notícias. Os autores perceberam que as dificuldades relatadas pelos pais no que se refere à comunicação sobre a morte com seus filhos, em um primeiro momento, pareciam estar relacionadas a dúvidas sobre a capacidade de compreensão da criança. Entretanto, identificou-se que tais dificuldades são também relativas às dificuldades e inseguranças do próprio pai em oferecer suporte para as possíveis reações emocionais advindas da notícia. Em pesquisa realizada por Lima et al (2018) com crianças enlutadas e seus familiares em uma clínica escola de psicologia, identificou-se que a falta de conhecimento das crianças sobre a morte, deparando-se com perdas e sentimentos de desorientação, estiveram associadas à prejuízos emocionais para as crianças.

Lima e Kovács (2011), em estudo acerca do modo como adultos comunicaram a morte de um familiar (mãe, pai ou irmão) a crianças, corroboram a importância da comunicação intrafamiliar no processo de luto infantil. Segundo as autoras, as reações frente à notícia da morte são fortemente influenciadas tanto pelo conteúdo quanto pela forma com que os responsáveis conversam com a criança, pela maneira como lidam com suas expressões emocionais e, no caso da morte da mãe, pelo modo como o pai sobrevivente reage e espera que a criança reaja.

Além disso, dentre os fatores que influenciam na adaptação familiar à perda, Walsh e McGoldrick (1998) destacam a rede familiar e social, a coesão familiar, a flexibilidade do sistema familiar, a comunicação aberta e a disponibilidade da família extensa, tanto nos recursos sociais quanto econômicos. Se tratando de crianças enlutadas, Lima e Kovács (2011) ressaltam que os processos familiares constituem determinantes da adaptação saudável ou disfuncional da criança à perda.

Entende-se que a morte materna tem diversas especificidades. Demarzo (2011) alerta que a morte da mãe aumenta significativamente o risco de morte do filho, principalmente se o fato ocorrer nos primeiros meses ou anos de vida, em comparação a morte do pai, que tem menos impacto na sobrevivência das crianças. Para o genitor que fica, inúmeros desafios se colocam, principalmente no que tange à elaboração de seu sofrimento e do sofrimento de seus filhos. Yopp e Rosestein (2013) ressaltam que ser pai no contexto da morte de um cônjuge pode ser um processo doloroso e confuso, pois as redefinições das funções da monoparentalidade junto ao processo de luto vivenciado pela família geram questionamentos sobre sua competência para o exercício do papel parental.

A morte inaugura um período de crise familiar, no qual os fenômenos transgeracionais da família se expressam de forma saliente, incluindo o conjunto de atitudes, tabus, mitos, crenças, e rituais familiares que movem o sujeito em contato com a situação geradora de crise (FALCKE; WAGNER, 2005). Bowen (1998) entende que o mito serve a uma função comum de colocar os sobreviventes em contato íntimo com o morto e com os amigos importantes, ajudando todos a encerrarem sua relação com o morto e seguirem em frente com suas vidas. Os ritos ou rituais são cerimônias com regras determinadas, tendo por função transmitir os mitos familiares e ensinar os membros sobre valores, atitudes e comportamentos relacionados a situações específicas e vivências emocionais (FALCKE; WAGNER, 2005).

Nesse sentido, os mitos conduzem as histórias familiares, deixando claro como devem comportar-se os membros da família, quais comportamentos são aceitáveis, quais são proibidos, e os tabus (FALCKE; WAGNER, 2005). Outro fenômeno que se expressa nesse período de crise em função da morte são os legados. A cada geração familiar, transmitem-se legados, fenômeno que revela para as gerações posteriores os principais aspectos da família atual e o que se espera que tenha continuidade (FALCKE E WAGNER, 2005). Atualmente, os legados estão presentes inclusive nos meios digitais, como nos perfis da pessoa morta, que pode servir de murais de depoimentos (BOUSSO et al, 2014).

Em estudo realizado por Fujisaka (2009) com adultos que perderam as mães na infância, verificou-se a importância da vivência do luto e das ressignificações relacionadas à morte. A autora percebeu que os participantes, ao procurarem meios de ressignificar a vivência de perda, foram em busca de mais lembranças relacionadas à mãe e maneiras de continuarem vinculados a ela (ver e sentir a presença da mãe mesmo em sua ausência, guardar fotos, guardar objetos, lembrar, recontar histórias). Nesse estudo, foi possível perceber que a permanência do vínculo com a mãe falecida não era sinal de patologias psíquicas, mas algo que ajudou os participantes a lidar com a ausência da mãe e a redefinir o relacionamento com ela, integrando-a em suas vidas como figura importante e significativa de suas histórias.

No estudo de Hispagnol (2011) com uma criança que perdeu o pai, a autora constatou que os significados construídos pela família de que o falecido, de alguma forma, permanecia com eles, pareciam diminuir a angústia e trazer conforto para a perda. Assim, atenta-se para o fato de que, quando as famílias podem se reunir e compartilhar a experiência de sofrimento, mudanças muito positivas costumam acompanhar o luto, fortalecendo a unidade familiar e todos os seus membros (WALSH; MCGOLDRICK, 1998). As famílias podem, assim, desenvolver um sentido mais claro das prioridades da vida, uma maior valorização das relações e uma capacidade aumentada de intimidade e empatia, destacam as autoras.

Percebe-se que já existe, especialmente a partir das últimas décadas do século passado, uma literatura consistente em psicologia que enfoca as relações e os processos familiares frente à experiência de luto, tendo como uma de suas precursoras e referências Walsh e McGoldrick (1998). Contudo, identifica-se ainda uma lacuna na produção científica no que se refere à experiência de pais (homens) e seus filhos após a morte da mãe. Apesar de algumas pesquisas voltarem-se às crianças



enlutadas, os pais não possuem o espaço que deveriam, possivelmente por ainda se sustentar antigos padrões de paternidade considerada como pouco implicada em cuidados emocionais dos filhos.

Por outro lado, são inúmeras as fontes de informação alternativas (como blogs e textos de aconselhamentos em sites) que tratam sobre a morte de mães e os desafios junto às crianças enlutadas. Assim, verifica-se que há uma demanda por conhecimento sobre o enfrentamento da morte de mães para pais e filhos. Assim, se faz necessário olhar para os pais que assumem os cuidados e responsabilidades dos filhos junto às mães, e que, em função da morte delas, passam a vivenciar a monoparentalidade em famílias com filhos crianças em contexto de luto. Especialmente, considera-se relevante atentar ao lugar construído nas narrativas familiares para a mãe que morreu, compreendendo que o pai possui uma função importante junto aos filhos em tal construção e na manutenção desta narrativa sobre a mãe. Nesse sentido, esse estudo objetivou compreender, através da perspectiva do pai, de que forma a figura materna se mantém presente em famílias com crianças que vivenciaram a morte da mãe.

## **2. MÉTODO**

O presente estudo faz parte de uma pesquisa maior intitulada “Monoparentalidade masculina diante da viuvez”. Participaram deste estudo quatro homens, pais de crianças que perderam a mãe, compondo famílias monoparentais a partir da morte da esposa/companheira. Como critérios de inclusão, definiu-se que os pais deveriam ter idade igual ou superior a 18 anos; a esposa falecida deveria ser a mãe da criança e residir com a família anteriormente à sua morte; no momento da morte da mãe, o(a) filho(a) deveria ter até 12 anos de idade, considerando-se adolescente a partir desta idade, conforme estabelecido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990); e, por fim, os pais deveriam residir sozinhos com seus filhos. Foram excluídas da pesquisa famílias recasadas, em que uma nova companheira do pai residia com a família.

Os participantes eram residentes de uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul. Conforme apresentado na Tabela 1, os participantes tinham idades entre 33 e 54 anos no momento da pesquisa. Todos possuíam um único filho e

descreveram como religião o catolicismo. O tempo desde a morte da esposa variou entre 2 meses e 6 anos.

Tabela 1- Dados sociodemográficos dos participantes

<i>Nome<sup>3</sup></i>	<i>Idade</i>	<i>Escolaridade</i>	<i>Ocupação</i>	<i>Nível Socioeconômico<sup>4</sup></i>	<i>Tempo de viuvez</i>	<i>Idade do(a) filho(a)</i>	<i>Religião</i>
Rodrigo	33	Ensino Superior	Agente Penitenciário	5	6 anos	8	Católica
Edson	47	Ensino Médio	Proprietário de pequena empresa	3	2 meses	12	Católica
Oscar	48	Ensino Superior	Perito Criminal	5	2 anos e 1 mês	7	Católica
Gilberto	54	Pós Graduação	Médico	5	5 anos e 8 meses	17	Católica

Fonte: Elaborado pela autora.

O presente estudo constitui-se em uma pesquisa descritiva e exploratória, de caráter qualitativo. A pesquisa descritiva busca levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população específica, e, ao apresentar novas visões, aproxima-se também de uma pesquisa exploratória (GIL, 2002). A pesquisa exploratória é uma classificação de pesquisas que buscam proporcionar maior familiaridade com o tema, torná-lo mais explícito ou constituir hipóteses (GIL, 2002).

Foi utilizado um delineamento de estudo de caso coletivo, que, segundo Stake (1994), proporciona conhecer a vivência da realidade, possibilitando discussão, análise e tentativa de solução de um problema extraído da vida real. Vale ressaltar que, ao utilizar tal delineamento não se objetiva proporcionar o conhecimento preciso das características da população estudada, mas sim proporcionar uma visão global acerca da temática, podendo identificar possíveis fatores influenciadores dessa (GIL, 2002).

<sup>3</sup> Os nomes reais dos participantes foram substituídos por fictícios, a fim de preservar suas identidades.

<sup>4</sup> Nível sócio econômico com base em Hollingshead (1975, adaptado por Tudge e Frizzo, 2000). 1 (baixo), 2 (médio-baixo), 3 (médio), 4 (médio-alto) e 5 (alto).

A pesquisa seguiu os procedimentos éticos descritos na Resolução 510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde e na Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia, que dispõem sobre os cuidados éticos na pesquisa com seres humanos (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2000; BRASIL, 2016). Ademais, a pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Maria sob número CAAE 13116619.5.0000.5346. Os participantes foram esclarecidos dos procedimentos de pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice A), ficando com uma cópia do documento. A confidencialidade foi garantida aos participantes a partir do Termo de Confidencialidade, conforme apêndice B.

A amostra foi constituída por meio de indicações, o que a caracterizou como não probabilística e por conveniência (MARCONI; LAKATOS, 2002). Os pais participantes foram contatados via telefone, momento em que se buscou explicitar os objetivos da pesquisa e verificar a disponibilidade dos mesmos para a participação. Após o aceite, foram agendadas as entrevistas com três pais em salas da Universidade Federal de Santa Maria e com um pai no seu local de trabalho, conforme preferência dos participantes.

A coleta de dados foi realizada de forma individual, sendo que, de acordo com Gil (2002, p. 140) “no estudo de caso utiliza-se sempre mais de uma técnica”. Em função disso, a coleta de dados aconteceu em dois momentos e envolveu os seguintes instrumentos: Questionário de Dados Sociodemográficos, Entrevista Narrativa, Desenho com descrição e Entrevista Semiestruturada.

No primeiro encontro, os participantes responderam a um Questionário de Dados Sociodemográficos (apêndice C), e a uma Entrevista Narrativa. Nessa entrevista, foi reforçado o objetivo do estudo, seguido da orientação de contar a história da família, da seguinte forma: “Nosso objetivo é escutar como as famílias vivenciaram esse momento, como é a experiência do luto para os pais e para os filhos, e, então, entender como as mães se mantêm nas memórias, histórias, hábitos, cotidiano da família. Para isso, gostaríamos que você nos contasse livremente a história da família de vocês”.

Ao final da narrativa, os participantes receberam uma caixa com materiais para desenho (folhas de ofício, lápis de cor, giz de cera, borracha e canetas), e receberam a orientação de realizar três desenhos: um sobre a família antes da morte, um sobre a família no período da morte, e um sobre a família hoje. Foi disponibilizado uma

quarta folha, apresentado como desenho livre e opcional, caso os pais desejassem fazer mais uma representação sobre sua família. As folhas continham os seguintes títulos: “Antes da Morte”; “Período da Morte”; “Hoje”, com vistas a nortear os desenhos dos pais. Nesse tocante, foi solicitado que os participantes realizassem os desenhos ao longo de uma semana e, no segundo encontro, os entregassem às pesquisadoras.

Assim, no segundo encontro, os pais inicialmente apresentaram seus desenhos, explicando o que procuraram representar. A seguir, responderam a uma Entrevista Semiestruturada sobre a monoparentalidade masculina diante da viuvez (apêndice D), na qual pode-se indagar de forma mais direta os aspectos objetivados no estudo.

A Entrevista Narrativa, a descrição dos desenhos e a Entrevista Semiestruturada sobre a monoparentalidade masculina diante da viuvez foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas na íntegra para possibilitar a análise. Os dados provenientes dessas três fontes de informação foram analisados conjuntamente a partir da análise de conteúdo de Bardin (BARDIN, 2011). Considerando-se os dados de todos os participantes, foram estabelecidas categorias temáticas *a posteriori*, a partir dos objetivos do estudo e dos conteúdos das entrevistas e das descrições. Após a definição das categorias temáticas, realizou-se uma análise dos resultados para cada caso individualmente.

### **3. RESULTADOS**

Na apresentação dos resultados do estudo, os casos serão analisados de forma individual, visando um melhor entendimento da vivência particular de cada família envolvida. Inicialmente, será feita uma breve apresentação do caso, retomando características demográficas e da história do adoecimento e morte da mãe. Em seguida, os resultados serão apresentados a partir das categorias temáticas, sendo essas: 1) Despedidas e (des)conexões com a mãe, abordando as ações que tem por fim criar a conexão com a realidade da morte, a desconexão com alguns aspectos relacionados à mãe e sua despedida a conexão com novas formas de relacionamento, a partir da criação e relação com as narrativas sobre a mãe por meio da comunicação da morte aos filhos, rituais, e atitudes de ordem prática que visam delimitar os espaços materiais da mãe na família; 2) Um lugar idealizado, abordando a construção das idealizações da figura da mãe na narrativa do pai e sua manifestação junto da família;

3) A mãe na família que segue, referindo os aspectos que marcam a presença da mãe na relação familiar entre pai e filho(a).

Posteriormente, a discussão dos resultados será realizada coletivamente, a partir dos elementos identificados nas narrativas, buscando sua interlocução com a literatura acerca da temática.

### 3.1 RODRIGO, ESTER E GUSTAVO - “A MELHOR PESSOA QUE EU CONHECI”

Rodrigo e Ester se conheciam há cerca de quatro anos e estavam juntos há dois anos quando a gravidez inesperada trouxe Gustavo à família. Apesar do susto inicial, a chegada do filho, nas palavras do pai, “*melhorou o que já era bom*”. Porém, a gestação foi complicada por períodos de adoecimento em função de frequentes crises renais da mãe. Não obstante, três meses após o nascimento de Gustavo, Ester teve leptospirose. Novos sintomas apareceram, após percorrer diversos recursos em busca de respostas, recebem o diagnóstico de lúpus “*bem agressivo*”. Após 1 ano e 6 meses de adoecimento, uma convulsão leva Ester ao coma e à UTI, indo a óbito em função de insuficiência respiratória. A morte ocorreu quando o casal tinha 4 anos de relação e o filho tinha 2 anos e 2 meses. Passados 6 anos da morte da companheira, Rodrigo tem 33 anos e o filho Gustavo tem 8 anos de idade.

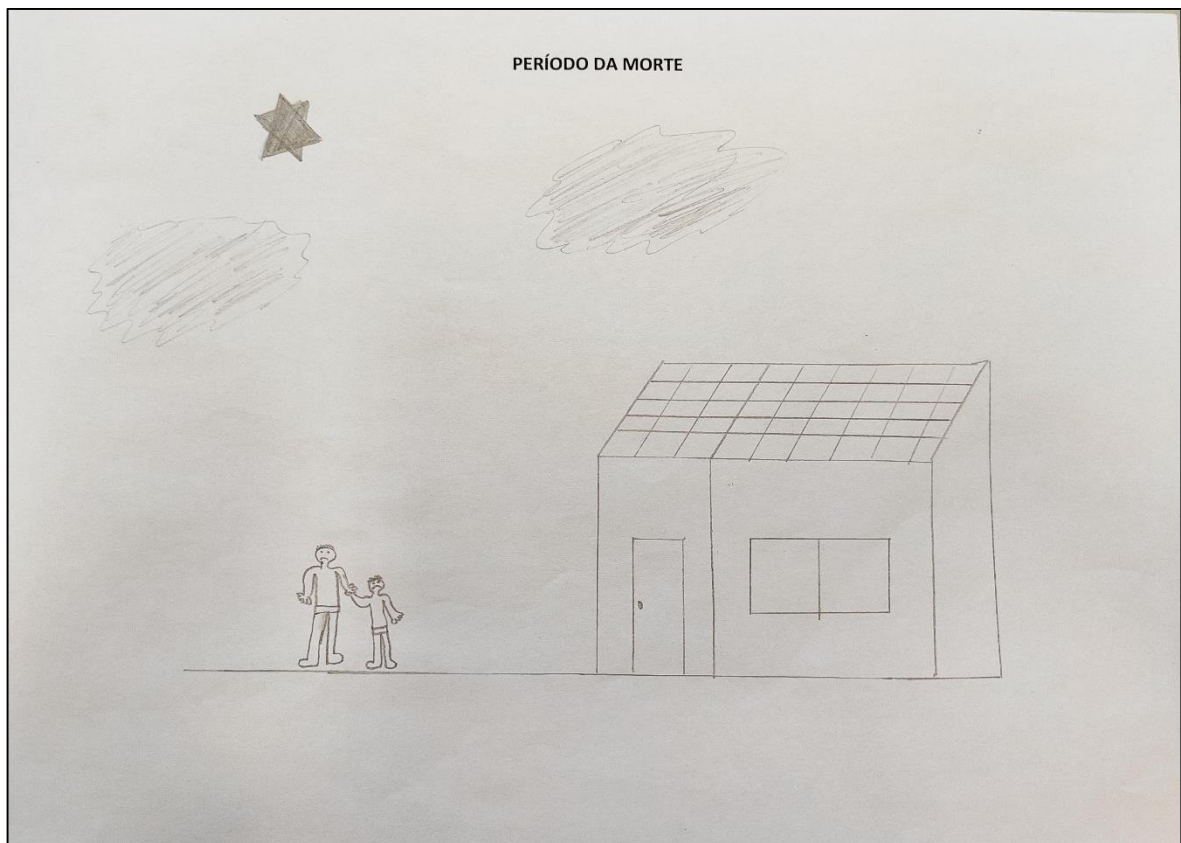
#### 3.1.1 Despedidas e (des)conexões com a mãe

No momento da morte de Ester, Rodrigo não comunicou ao filho: “*eu não tinha como dizer pra ele que a mãe dele tinha falecido, ele era muito pequeno, não sabia o que dizer. Tanto que não falei. Naquela época eu não consegui conversar com ele assim ‘ó tua mãe morreu, tua mãe faleceu’*”. Rodrigo e o filho não participaram das cerimônias fúnebres, devido à sua crença de que “*o momento de tu ver as pessoas é em vida*”. Passados os primeiros momentos, o pai passou a explicar a morte para Gustavo, ainda sem questionamento do filho: “*Aí depois sim, aí eu consegui dizer pra ele: ‘Oh, tua mãe tá no céu’, porque ele não perguntava*”.

A morte da mãe, contada ao filho por Rodrigo, sempre foi relacionada à sua bondade, sendo reforçada a imagem religiosa do “Papai do Céu”, e do céu como um lugar de boas pessoas. “*Aí tentei explicar que a mamãe dele tinha falecido, mas é porque Papai do Céu queria uma pessoa boa do lado dele (...)* Até hoje eu converso

*mais ou menos nesse sentido*". Em outro momento, questionado pelo filho para mais uma explicação, Rodrigo utiliza também o conceito de estrela: *"aí eu expliquei que o Papai do Céu levava as pessoas boas pro lado dele e que a mamãe tava lá. Coincidentemente, no dia tinha um céu bem estrelado, levei ele lá fora, mostrei alguma estrelinha que tava brilhando lá 'ó aquela lá é tua mamãe'"*. Rodrigo conta que enquanto realizava os desenhos propostos para a pesquisa, foi questionado pelo filho sobre a presença da mãe: *"ele falou '-onde é que tá a mamãe?'. Daí ele '-vamos fazer uma estrelinha?'"* (Figura 1), valorizando e requisitando a representação da mãe da forma que lhe foi narrada. Essa presença também foi reforçada pelo pai no momento do desenho ao explicar: *"O papai tá aqui, e a mamãe tá lá no céu, tá sempre cuidando de ti"*.

Figura 1- Desenho de Rodrigo sobre a família no período da morte de Ester<sup>5</sup>



Fonte: Participante Rodrigo.

<sup>5</sup> O desenho foi realizado com traço leve.

Sobre a presença de rituais, Rodrigo e o filho fazem orações com menção à mãe. *“Sempre falo pra ele orar, (...) às vezes eu faço com ele, às vezes ele faz sozinho (...) já virou meio que hábito pra ele. (...) Ele pede pela mãe dele que ele quer melhorar”*. Quando Gustavo demonstra tristeza e falta da mãe, o pai busca reafirmar que existe esse lugar para a mãe junto do filho mesmo após a morte dela: *“confortar ele, explicar pra ele e manter viva essa questão de que a mãe dele era uma pessoa do bem, que por mais que ela não estivesse fisicamente aqui ela tava, ia estar sempre com ele aqui”*.

### 3.1.2 Um lugar idealizado

Rodrigo apresenta Ester na narrativa como *“a melhor pessoa que eu conheci na minha vida”*. Essa imagem sustenta-se nas conversas com o filho, nas quais a mãe é narrada como um exemplo a ser seguido: *“A mãe dele era uma pessoa muito boa. Foi a melhor pessoa que eu conheci. Eu quero que ele seja que nem ela. Aí ele fica orgulhoso”*.

Rodrigo conta que Ester, já enfrentando situações de internações e tratamento, sem conseguir trabalhar, mantinha-se a realizar as atividades da casa e os cuidados com o filho. *“Ela era teimosa pra isso. Ela não queria ficar dependente”*. Porém, em seus últimos momentos de vida, Ester já apresentava alterações mentais, que o pai relata com desconforto: *“da relação dela com o Gustavo principalmente, ela era uma criança (...) alterou a questão mental dela, posso dizer pra vocês que não, mas ela mudou bastante. (...) Tava bem debilitada”*.

Através de uma narrativa positiva sobre a mãe Ester, Rodrigo reforça as lembranças familiares relacionadas a ela, entendendo como positivas na formação de caráter e desenvolvimento do filho: *“ele consegue ter uma percepção boa de que a mãe dele é uma pessoa boa. Eu consigo manter viva a lembrança na cabecinha dele da mãe dele e eu quero que isso esteja sempre presente, porque ela era uma pessoa maravilhosa, tanto por foto, por vídeo, com as coisas que eu conto”*. As características maternas de Ester também são evidenciadas: *“era totalmente cuidadosa, caprichosa, álbum de foto, (...) questão de roupinha, de organização (...) e amava ele indescritivelmente também”*.

Ao longo da narrativa, a figura da mãe é referida por diversas descrições positivas: *“uma pessoa fora do comum”*; *“muito pacienciosa, muito calma, muito*

*tranquila”; “ela foi a melhor pessoa que eu conheci”; “falem mal de mim, mas não falem dela”. Esse lugar de Ester para Rodrigo e Gustavo, construído na narrativa da família por meio do pai, permeado por lembranças e sentimentos, trazem a sensação de não caber em palavras: “não tem nem como descrever assim com palavras. Se vocês pudessem ter conhecido, vocês entenderiam”.*

### **3.1.3 A mãe na família que segue**

À medida em que Gustavo foi crescendo, Rodrigo passou a preocupar-se em manter presente a figura de Ester, falando sobre ela, mostrando fotos e reforçando a explicação sobre a morte, mesmo que o filho inicialmente parecesse não corresponder: *“Ele não entendia... Entender ele entendia, né, hoje eu sei disso, mas ele não falava. E assim, como é que eu posso dizer, na minha percepção ele não sentia falta. Ele sentia, mas naquela época não conseguia perceber isso”.* Com o tempo e o desenvolvimento de Gustavo, foram surgindo novos lugares e novas formas de se relacionar com a figura da mãe, que além de estar presente em fotos, também passou a ser mencionada pelo filho: *“três anos e meio, quatro anos e pouco, ele começou a falar na mãe dele. Mas eram coisas pontuais assim”.* Com quatro a cinco anos de idade, a partir de situações vivenciadas na escola, como o dia das mães, Gustavo começou a questionar o pai: *“ele me perguntava ‘-todo mundo tem mamãe, todo mundo, isso?’”.*

A percepção de Gustavo dessas faltas, segundo Rodrigo, manifestou-se em um momento ápice da narrativa familiar, o dia que o filho chorou *“do nada”*: *“encheu os olhos de lágrima e começou a chorar - ‘porque eu sinto falta da minha mãe’. Começou a falar, e chorar”.* Rodrigo entendeu que essas expressões faziam parte da compreensão do filho, que está em um processo de desenvolvimento, e notou uma evolução dessa relação entre o filho e a figura da mãe: *“Ele entende que a mãe dele faleceu, que ela tá no céu. Ele me fala que ele sente muita falta. Hoje ele fala mais livremente. Ele consegue conversar bem tranquilamente”.* O pai referiu buscar respeitar o desejo do filho de quando falar sobre a mãe, mas considera importante manter a imagem dela presente, conforme explicitado na fala a seguir: *“não forço nada assim, sabe, quando ele quer conversar, eu deixo ele conversar. Mas eu sempre falo na mãe dele, no dia a dia, tento falar, né. A foto pra ele sempre lembrar, porque o visual é importante”.*



A presença da mãe no cotidiano do filho também é baseada na vivência do pai dessa lembrança no seu próprio dia a dia: *“eu penso nela todos os dias. Eu falo da mãe dele bastante: ‘Tua mãe isso, tua mãe aquilo’*. A presença também se faz no momento de educar o filho: *“eu digo ‘tu acha que a tua mãe tá gostando disso?’ (...) E ele fica bem sentido tá, porque por mais que ela não esteja fisicamente, ela é a mesma coisa que comigo”*. O pai também identifica as semelhanças entre mãe e filho, e interpreta como uma constância dessa presença materna em suas vidas. *“tem gente que diz que é a minha cara, mas eu acho que ele é a cara dela. Porque não conhecem ela, né. Aí ele tem algumas coisas bem características dela (...), tem algumas coisas que é da mãe dele e ninguém tira isso dele”*.

O pai refere, ainda, o contato do filho com objetos representativos da mãe, indicando uma forma de manter-se próximo a ela: *“agora ele tá usando uma corrente que a vó dele deu, que era da mãe dele, né. Não tira aquela corrente pra nada. Não tira nem pra tomar banho”*. A alegria de usar o objeto que pertencia a sua mãe, é uma forma de mantê-la presente e em contato consigo, por meio de uma representação material que liga o filho à mãe. Da mesma forma, o contato com sua imagem e o desejo de ver a mãe nas fotos: *“Aí ele bota a foto dela na cabeceira da cama dele. E tudo é algo relacionado à mãe dele. Às vezes eu to mexendo em fotos e aparece, ‘pai, volta ali, deixa eu ver minha mãe’*. *Ele pede, ele fica um tempo olhando”*.

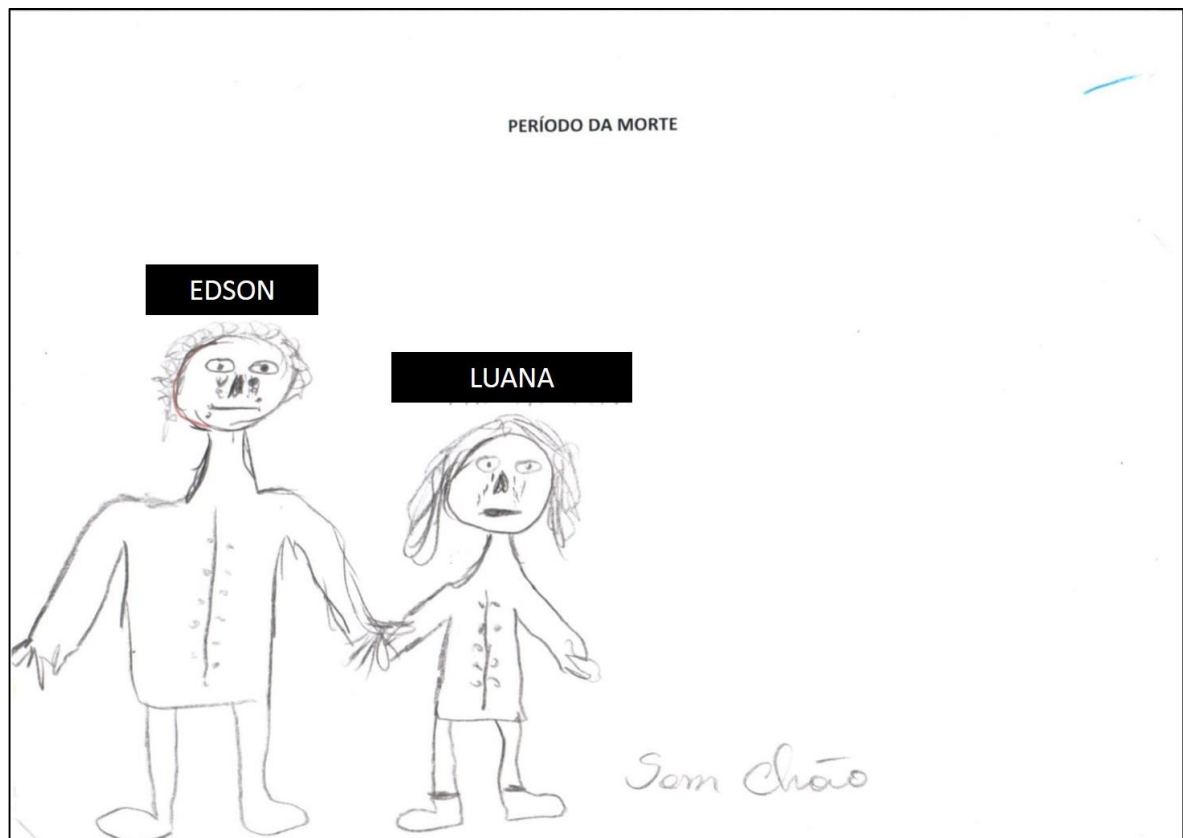
### 3.2 EDSON, ANGÉLICA E LUANA - “MULHER, COMPANHEIRA, AMIGA”

Edson e Angélica se conheceram ainda na infância. Já adultos, resolvem *“namorar, depois ficar noivo, casar, tudo”*. O casal, desejando a vinda de um filho, vive a chegada de Luana com muita alegria: *“a maior felicidade do mundo”*. Seis meses após o nascimento da filha, Angélica descobre um câncer de mama, o que modifica o cenário de vida da família a partir de então: *“correria, tratando ela né, fazendo quimioterapia, melhorava um lado, daí piorava outro e sempre nessa sequência né. Deu 11 anos de sofrimento dela”*. Mesmo com uma melhora no primeiro ano de tratamento, após cinco anos, devido à toxicidade cardíaca, buscou-se um transplante e seguiu-se mais cinco anos de tratamento. Nos cuidados de Angélica, Luana também *“ajudava a cuidar, sabia toda a sequência (remédios)”*. Assim, a família participou dos últimos momentos de Angélica no hospital. Em uma noite, enquanto dormia com a

esposa, Edson percebeu que ela “começou a apagar devagarinho (choro) (...) Ela não morreu com dor”.

O casal se relacionava há 25 anos, e a filha vivenciou a morte da mãe aos 12 anos, sendo que por 11 anos a mãe fazia tratamento para o câncer. Atualmente, Edson tem 47 anos e Luana 12 anos de idade. Transcorridos apenas dois meses da morte de Angélica, a família se encontra em pleno processo de adaptações: “*agora as consequências que vão vir, né, as dificuldades, felicidade, tudo junto. Aí tem que estar sempre junto com ela (filha)*”. Ao desenhar o período da morte, Edson representa: “*Tudo de luto, triste, chorão e sem chão, até organizar agora de novo. Sim porque desestrutura tudo*” (Figura 2).

Figura 2- Desenho de Edson sobre a família no período da morte de Angélica com a descrição “Sem chão”<sup>6</sup>



Fonte: Participante Edson.

<sup>6</sup> Tarja adicionada a fim de cobrir os nomes reais escritos pelo pai.

### 3.2.1 Despedidas e (des)conexões com a mãe

Pai e filha estiveram juntos no velório e participaram da escolha da lápide: *“ela foi comigo (cemitério), até fui lá mandar fazer a lápide. (...) Agora não sei como vai ficar, aí tem que mostrar pra ela também, mas ela escolheu as fotos, tudo”*. Nos rituais seguintes, expressou-se também a dificuldade em lidar com as lembranças e emoções ao se encontrarem com outras pessoas *“Aí sempre toca no assunto, aí depois vem missa de sétimo dia, de 30 dias, 60 dias e assim vai indo”*.

Quanto às roupas de Angélica, Edson recebeu pedidos de doação e reconheceu que seria difícil realizar isso neste momento, dizendo às vizinhas: *“-não, espera esfriar um pouco, né. Faz quando eu não estiver em casa, quando eu não estiver, né. Só não vão usar perto”*. Luana optou por ficar com alguns casacos da mãe que serviam e, segundo o pai, eram mais neutros, não remetendo diretamente à imagem da mãe: *“só os casacos. Casaco é com uma cor assim, não influencia tanto”*.

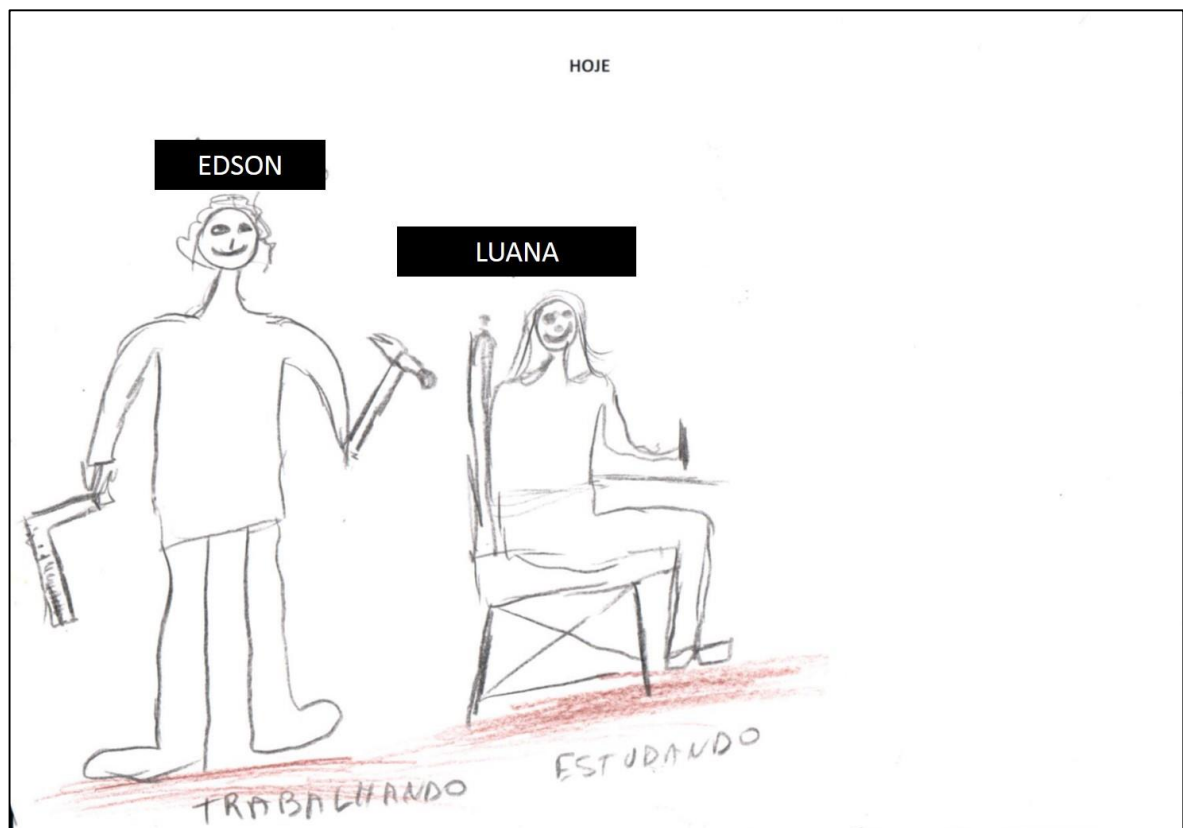
### 3.2.2 Um lugar idealizado

Edson, ao descrever Angélica, enfatizou seu companheirismo ao longo do tempo juntos: *“além de mulher era companheira (choro) amiga, tudo, (...) em todos esses 25 anos”*. Questionado por pessoas que não souberam da morte, Edson diz que a esposa *“agora tá bem”*. Ele conclui que a imagem que fica da esposa é *“Força de vontade de viver”*. Angélica é lembrada também nas brincadeiras em família, mesmo com as limitações impostas pela doença: *“eram diferentes, a mãe dela fazia umas, eu fazia outras. E nós era pra sair correndo, mas não podia, daí então fazia brincadeira tipo de boneca na cama”*. Além disso, a dedicação da mãe com a educação e orientação ao futuro da filha, aparecem de forma expressiva: *“definiu assim uma meta pra Luana: ‘tu vai estudar isso, que tu não vai fazer aquilo’”*.

No processo de doença, conforme o relato de Edson, Angélica mostrava força e surpreendia os médicos, superando as previsões de vida. O pai conta que Angélica, ao conversar com os médicos sobre sua sobrevida, falava do objetivo de viver até os quinze anos da filha. Porém, notando o avanço da doença, a mãe passou a ter consciência da finitude próxima, e solicitou a presença da filha na sua hospitalização *“Ela dizia ‘- já que não vou conseguir ir nos quinze anos dela, então deixa eu ficar com ela né’. (...) Daí a médica deu um laudo lá pra ela (filha) entrar direto”*.

As orientações de Angélica quanto ao estudo e futuro da filha mantêm-se como objetivo da família em um importante legado: “A princípio agora é levantar a cabeça, puxar ela a estudar. Preparar ela pra uma faculdade e pronto”; “a Angélica que doutrinou ela assim, ensinou pra seguir com o estudo”. No desenho do período presente, o pai representou a família “estudando e trabalhando” (Figura 3). Já no desenho livre, Edson expressou o que considera a realização do desejo de Angélica, que seria ver a família, composta agora por pai e filha, divertindo-se sob os cuidados da mãe, representada no desenho como um anjo: “o que a mãe queria que nós fizéssemos. Esse aqui é nós no parque. Daí eu desenhei o barco viking que a Luana gosta. (...) E ela lá em cima, cuidando nós. Não sei, tá de anja” (Figura 4). Edson conta que, enquanto desenhava, a filha olhava a atividade do pai e fez uma sugestão: “única coisa que ela disse ‘- faz uns raios ali, de luz””.

Figura 3- Desenho de Edson sobre a família atualmente<sup>7</sup>



Fonte: Participante Edson.

<sup>7</sup> Tarja adicionada a fim de cobrir os nomes reais escritos pelo pai.

Figura 4 – Desenho livre de Edson expressando o desejo de Angélica para a família hoje



Fonte: Participante Edson.

### 3.2.3 A mãe na família que segue

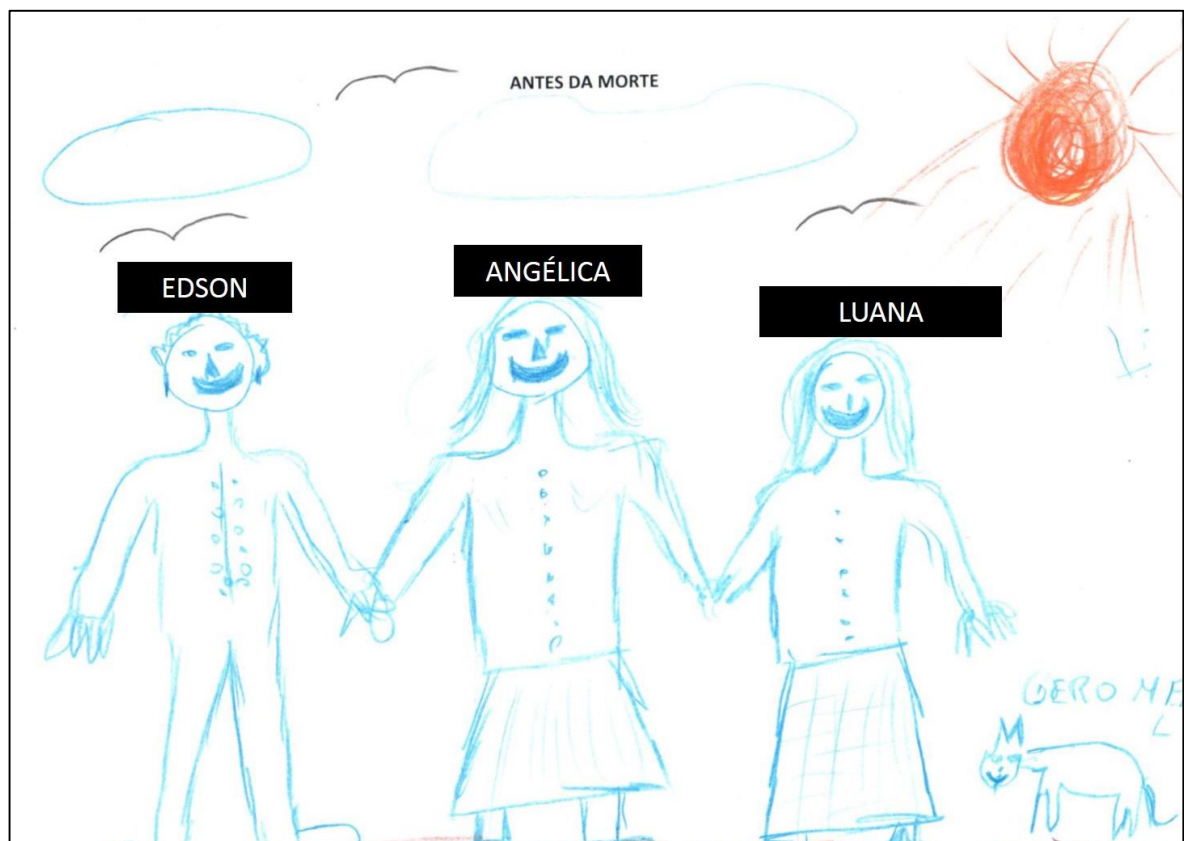
Edson refere que a filha Luana, com 12 anos, conversa com ele sobre a presença da mãe em hábitos da família, mencionando as lembranças que trazem saudade. *“Sobre a morte, ela não pergunta muito assim, ela diz ‘-é tu faz isso aqui. Tu ia ver se a mãe tivesse aqui, já ia tá batendo boca com nós’, (...) porque a gente às vezes, quando vai puxar assunto, começa os dois a correr lágrima, daí nós já paramos”*. Dessa forma, o pai entende que é importante não forçar falar da mãe, ao mesmo tempo em que sabe da importância de compartilhar os sentimentos um com o outro. *“Hoje de tarde ela tava jururu (triste) e daí eu perguntei o que ela tinha, saudade, aí se puxar muito começa os dois (a chorar)”*.

Em relação à filha, Edson indica que conduz seu papel paterno junto a Luana de acordo com as orientações de Angélica, que pedia: *“ser o amigo melhor possível,*

(...) não manter segredo comigo, né. Se tiver assunto de coisa de mulher, com criança, adolescente pode me perguntar, alguma coisa de amiga ou amigo”. Exemplifica que essa busca por proximidade na relação com a filha já foi posta em prática na menarca da filha, antecipada pelo processo emocional do luto: “ela ficou meio constrangida, daí eu chamei ela, conversamos. (...) Aí me abraçou lá e me mostrou, (...) porque me pediu pra ir na farmácia”, “daí ficou bem melhor assim né, porque o pai é homem, tem medo assim de expor. Daí eu digo: ‘não, vamos fazer um diálogo bem aberto’”.

Frente aos desafios e novas adaptações, a família busca manter as características da amizade, união e companheirismo que já lhes descreviam. Explicando a representação do desenho da família antes da morte de Angélica, Edson descreveu: “era a maior felicidade né, nós três juntos. (...) Tá sempre a família unida, feliz” (Figura 5). Da mesma forma, mantém-se alguns hábitos que eram realizados com a mãe: “seis e meia ela (filha) sempre me lembra pra nós ir junto na feira (...) a gente vai lá, tomar café, já faz anos que a gente faz, aí continuamos”.

Figura 5 – Desenho de Edson sobre a família antes da morte de Angélica<sup>8</sup>



<sup>8</sup> Tarja adicionada a fim de cobrir os nomes reais escritos pelo pai.

Fonte: Participante Edson.

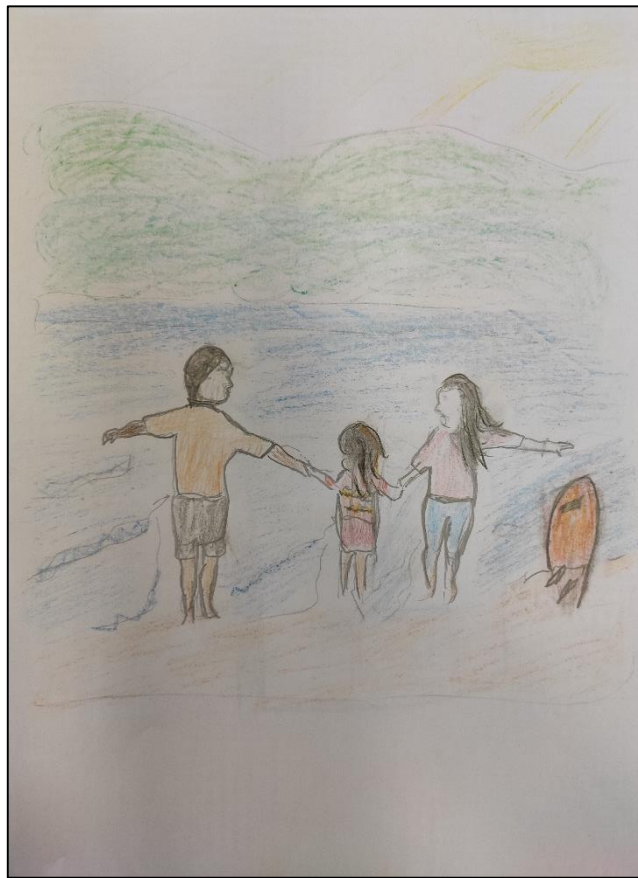
A família, que também se adaptava às restrições trazidas pela doença, agora encontra e experimenta novas possibilidades, na busca do enfrentamento do luto: *“É que era sempre os 3, né. Até agora tá dando uma disfarçada, arrumei um gato pra ela, pra ela se entreter. Aquilo ali até ajudou bastante (...) Porque ela sempre queria ter e por causa da imunidade (da mãe) não podia”*. O animal de estimação, atividades extraescolares e os passeios são exemplos de novos recursos buscados pelo pai a fim de, ao mesmo tempo em que preserva aspectos da identidade familiar, abre novas vias de investimento. Além disso, para esta família, o desafiador entendimento sobre a morte foi facilitado por meio da espiritualidade, com apoio e explicações: *“o centro espírita também ajudou muito. (...) Daí eles falam mais a realidade do que é. De desencarnar e coisa, que lá não tem morte pra eles, desencarnar, né, a gente tá só numa passagem aqui”*.

Na casa da família, objetos e fotos de Angélica mantêm-se presente de forma natural: *“Tem bastante coisa, isso é vida normal”*; *“Têm as fotos normais assim ou alguma coisa que a gente salvou no computador”*. Edson percebe que mesmo passando por um longo processo de adoecimento (11 anos), e esperando estar preparado para o momento da morte, essa preparação não os impediu do sofrimento do luto. *“A gente tava preparando ela (filha). Mas acha que tava preparando, né, porque não adianta. Eu tava preparado a dez anos já, mas hoje qualquer coisinha: saudade”*; *“Tá difícil pra ela. Tu vê que ela não quer demonstrar, mas demonstra (choro). Principalmente de noite, né, que estamos só nós dois”*.

### 3.3 OSCAR, IARA E CAMILA - “SÃO MUITAS LEMBRANÇAS”

A família se formara com Oscar e Iara, que, após um ano de relacionamento, passaram a morar juntos. Seis anos depois da união, planejaram a gravidez: *“foi a realização de um sonho”*. A partir da chegada da filha, viveram o momento de família em fase de aquisição com saúde e estabilidade em bons empregos. Essa fase da vida familiar é representada pelo desenho de Oscar do período anterior à morte de Iara: *“essa primeira figura aí, é aquela imagem de família feliz na praia, todo mundo bem, saudável”* (Figura 6).

Figura 6- Desenho de Oscar sobre a família antes da morte de lara



Fonte: Participante Oscar.

Contudo, após esse período, foi descoberto o câncer de mama de lara, “*que era agressivo, avançado*”, momento em que a história familiar passou a ter mudanças significativas: “*ela já fez cirurgia e tal, e a partir daí que mudou tudo*”. Um avanço da doença fez com que novas complicações aparecessem: “*tinha dado metástase e já tava no cérebro*”. A partir disso, a família passou a enfrentar um período turbulento em casa: “*a dificuldade que a gente passava quando dava várias convulsões e tinha que acionar o SAMU, que é sempre um procedimento que demora um bocadinho, e é um tumulto, (...) no meio da noite, na madrugada*”. O período de adoecimento de lara foi de cerca de 2 anos. No momento da entrevista, havia transcorrido 2 anos e 1 mês de sua morte. A filha tinha 4 anos e o casal se relacionava há 14 anos quando a mãe morreu. Atualmente, Oscar tem 48 anos e sua filha, Camila, tem 7 anos.

### 3.3.1 Despedidas e (des)conexões com a mãe



Anteriormente à morte de Lara, Oscar já sabia que chegaria o momento de comunicar a morte dela para a filha, e recebia orientações sobre isso: *“as pessoas me falavam: ‘-oh, tu tem que fechar esse ciclo, tu tem que falar a verdade, tem que achar um jeito de contar’”*. Quando soube do óbito de Lara, Oscar busca comunicar à filha: *“Tive que contar a história, de que ela tava doente. Ela tinha acompanhado, que uma semana anterior ela tinha ido no hospital e a Lara tava muito mal”*. Oscar explica a morte em relação ao Papai do Céu buscar a mãe: *“que papai do céu viu que a mamãe tava sofrendo e tal, que o remédio não tava mais fazendo efeito, que tava muito mal, e papai do céu tinha levado a mamãe”*.

Oscar acompanhou a filha nos rituais de velório e enterro, considerando importante mostrar a ela o local onde ficaria o corpo da mãe e ponderando que a filha pudesse requisitar a participação no ritual posteriormente: *“mostrar o que é, onde vai ficar, porque que os ossos vão ficar, o corpo vai ficar lá, porque receava que depois, se eu não fizesse isso, ela poderia cobrar, né, por que é que ela não foi”*. As visitas ao cemitério seguem em datas específicas, momentos em que pai e filha levam flores ao túmulo da mãe. Porém, o pai percebe que Camila tem expressado insatisfação com a ida ao cemitério: *“a gente vai é, aniversários, finados. A gente não vai tão frequente também porque ela não gosta muito. Da última vez que eu comprei as flores e falei que a gente ia, ela disse que não gostava de ir”*.

Com a morte, os objetos pessoais de Lara foram doados *“o que dava pra doar eu doe”*. Mas as lembranças mantiveram-se em outros elementos: *“Dentro da casa, na cozinha, você abre uma gaveta e tem um livro de receitas, que tá lá escrito a mão, tem uns bilhetinhos, e essas coisas que todo dia você vai ver”*. Nesse sentido, a presença de lembranças da Lara no dia a dia é vista como algo difícil *“nesse ponto é meio complicado, porque tudo na casa tem um pouco das pessoas que moram lá, né. As coisas que ela comprou, que ela gostava de usar (...) São muitas lembranças”*. Em função disso, Oscar encontrou na mudança de apartamento uma forma de desprendimento das lembranças que não lhes faziam bem, podendo, então, fazer uma seleção do que levaria para a nova casa: *“num primeiro momento, você não quer lembrar, você não quer ver as coisas que te lembram o tempo todo né. Depois, com o passar do tempo, ‘ah isso aí pode deixar, isso aqui pode permanecer aqui. Então’. Mas logo em seguida, me parece que é melhor se tu puder ficar num lugar que tu não lembre”*.

### 3.3.2 Um lugar idealizado

Oscar não relata as características de Lara e não demonstra a imagem dela para a família. Ao longo de sua narrativa e desenhos, expressa-se a dificuldade em entrar em contato com os aspectos que relacionam-se com Lara. O pai conta sobre o afastamento da filha em relação a falar da mãe: *“Parece que ela quer evitar isso tudo. É um assunto que não deixa ela confortável”*. Assim, a tendência de evitação de falar sobre a mãe, presente na família, mostra-se também na narrativa da pesquisa. Da mesma forma, no desenho de Oscar referente ao período da morte de Lara, evidencia-se um afastamento desse contato, visto que observa-se a figura de uma ambulância afastando-se, sem representação humana (Figura 7).

Figura 7- Desenho de Oscar sobre a família no período da morte de Lara.



Fonte: Participante Oscar.

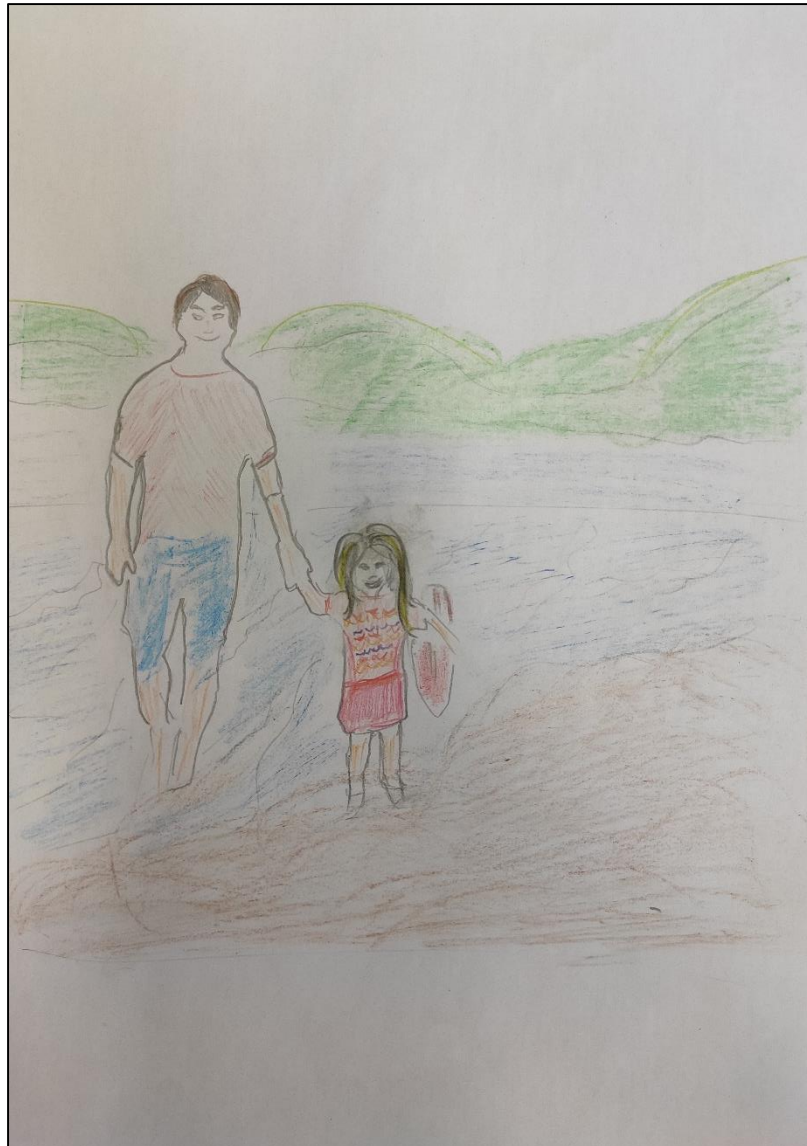
### 3.3.3 A mãe na família que segue

A lembrança de lara nas relações da família foi modificada, especialmente, com a mudança de apartamento. O local antigo lembrava o período de doença da mãe, e o nervosismo dos momentos em que passava mal: *“cadeira de roda, cadeira pro banho, tinha SAMU o tempo todo (...), qualquer barulho no meio da noite podia ser os médicos chegando”*. A mudança também diminuiu a lembrança da figura de lara: *“tudo no apartamento lembrava dela, né, por exemplo, a posição onde ficava a cadeira dela, até a questão dos móveis. Depois que a gente mudou, foi perdendo um pouco assim. É uma coisa nova e não tem presença dela naquele apartamento, né. Então, isso acho que ajudou um pouco, ou ajudou bastante”*. A sensação de ausência que se apresentava ao chegar em casa e não encontrá-la também foi amenizada: *“sempre que você vai pra algum lugar e volta tinha essa essas lembranças, de chegar e não ter ninguém”*.

Atualmente, a nova moradia mantém as fotos da família, com a presença de lara: *“nos corredores tem várias fotos, a gente fazia fotos assim todo ano”*. O contato com fotos costumam ser os momentos em que pai e filha falam sobre a lara, mas Camila *“só fala quando é inevitável, quando sei lá, mostra alguma coisa, alguma foto, ou lembra de alguma coisa que estávamos todos juntos, né. Espontaneamente ela não fala”*.

A família busca manter as atividades que eram de costume na presença de lara, o que é também representado no desenho do momento atual: *“eu e a Camila na praia, nós fomos nós dois porque a gente tentou manter aquela rotina, de fazer os passeios”* (Figura 8). Essas constâncias foram narradas como positivas para o enfrentamento de luto de Camila, bem como suas atividades e a manutenção da mesma babá: *“A gente tentou manter o que já vinha sendo feito”*; *“Tentar manter uma normalidade. Nesse período aí, eu também imaginava que quanto mais ela tivesse ocupada com atividades, menos tempo teria pra ficar em casa”*. Já quanto ao processo de luto e enfrentamento da perda por Camila, o pai relatou: *“ela entendeu bem assim, a morte né, que, que a pessoa morreu e não vai voltar. Então, ela não perguntou mais”*, por outro lado, *“parece que, não é que ela tenha esquecido assim, talvez ela não queira lembrar, né”*.

Figura 8- Desenho de Oscar sobre sua família hoje



Fonte: Participante Oscar.

Ao pensar sobre si como pai, no momento da morte da mãe, Oscar aponta: *“dá um desespero, porque a minha preocupação era com a Camila. Que a Camila tava com sete anos, eu não sabia se eu ia dar conta (pausa) Foi isso (choro)”*. Além de sentir-se sozinho quanto às responsabilidades e cuidados da filha, ter de enfrentar seu processo de luto pela perda da esposa também foi vivido como algo solitário, *“não tem muita ajuda, é superação. Não tem assim, não tem como esquecer”*. Oscar não buscou conversar com profissionais nem pessoas de sua convivência sobre os seus sentimentos, entendendo que ninguém queria falar sobre a morte: *“conversava assim, como se nada tivesse acontecido. É um assunto que todo mundo tenta evitar, as pessoas não ficam falando muito”*.

A família atual, composta por Oscar e Camila foi narrada: *“hoje a gente tá bem, mas é uma família pequena”; “eu espero (para a nossa família) é, encontrar uma pessoa pra mim e que possa ser de referência pra Camila”*. Ao encontro disso, um recente relacionamento de Oscar (cerca de um mês) tem trazido um novo convívio e a representação da família maior que deseja *“agora é que tem uma namorada, que ela tem duas meninas, e a Camila se dá muito bem com elas. Então, nos finais de semana, a gente tem passado bem, assim, tem passado todo mundo junto”*.

### 3.4 GILBERTO, LÍVIA E LETÍCIA- *“UMA MÃE ATÉ O ÚLTIMO SUSPIRO”*

A história da família iniciou quando Gilberto viu pela primeira vez a moça que *“chamou atenção”* dele. Após um tempo, Gilberto busca uma nova aproximação, o que levou a um namoro e, após três anos de convívio *“sem casar, nós moramos (juntos)”*; *“nos amávamos né, muito, éramos muito companheiros um do outro”*. Após dois anos de vida conjugal, a chegada de Letícia iniciou uma fase importante: *“veio completar nossas vidas”*.

Quando Letícia tinha dez anos, foi diagnosticado o câncer de mama de Lívia que *“entrou em desespero e falou pra mim ‘nossa borboletinha’, a preocupação dela, primeira, foi a Letícia né e a minha preocupação era de tranquilizá-la e injetar esperança que se houver tratamento nós vamos fazer tudo que estiver ao alcance da gente”*. Porém, com o tempo, algumas complicações ocasionadas pela doença, como metástase na meninge, causaram desesperança na família, como exemplificado no relato de Gilberto: *“não via resposta nenhuma das quimioterapias”*. Assim, o período de adoecimento foi de aproximadamente 2 anos, até o óbito que ocorreu há 5 anos e 8 meses. No momento da morte, o casal se relacionava há 14 anos e a filha tinha 12 anos de idade. Atualmente Gilberto, de 54 anos, mora com a filha Letícia, de 17 anos de idade.

#### 3.4.1 Despedidas e (des)conexões com a mãe

No dia da morte de Lívia, Letícia estava dormindo com colegas e a madrinha, e Gilberto lembrou: *“acordei e dei a notícia. É, uma coisa estúpida, muito estúpida”; “sentei ela e ‘ó, o pai não tem uma notícia das boas, mamãe se foi”*. Ao comunicar a morte da mãe, o pai já fez orientações de *“não tem o que se fazer. É aceitar isso aí.*

*Vamos é processar isso aí, filhota. Vamos cair a ficha desde já. É só eu e tu agora*". Igualmente, lembrou sobre as percepções que eles já construíam sobre a doença de Livia *"mas nós já esperávamos isso, né, filha, mamãe não melhorava nunca. Então, melhor que ela, a gente a liberte desse elo que tem entre a gente. Deixa, não tem como impedir"*. Ainda, acionou os conceitos religiosos e a união de pai e filha como sustentáculo *"Deus sabe o que faz e vamos nos agarrar na fé, na esperança, em nós aqui"*.

Foi decidido pela família que o corpo ficaria no cemitério da cidade natal de Livia, no túmulo de sua família, também pensando em Letícia: *"A irmã (de Livia) deu a sugestão de que a Letícia ia passar sempre ali na frente do cemitério e ia lembrar da mãe e isso ia causar um certo desconforto"*. O velório ocorreu na cidade em que a família reside, e Letícia participou em certo momento, sob orientação do pai: *"foi com umas amiguinhas né, blindada com as amiguinhas, mas foi breve só, poupei ela desse sofrimento de ver enterrando"*. Além das visitas ao cemitério, as missas e orações seguem sendo rituais realizados pela família. Nesse sentido, os próprios ensinamentos de Livia quanto à religiosidade se expressam: *"a Livia também fez a Letícia muito religiosa"*; *"De vez em quando, ela (Letícia) sente a necessidade de ir numa missa, numa igreja, rezar, nas datas importantes pra nós, que significam e lembram a Livia"*.

### **3.4.2 Um lugar idealizado**

Gilberto, ao falar sobre Livia, enfocou na figura da esposa especialmente como mãe, e "ser mãe" era sua característica marcante: *"tinha essa peculiaridade, ela abraçou a missão de mãe além do amor dedicado (...) uma mãe, né, íntegra. Com amor, com dedicação, dosada, ponderada, tinha que alterar a voz, alterava"*; *"Livia e Letícia eram muito diferente no amor, da mãe, do amor e dedicação da mãe. Livia foi muito maternal"*. E essa característica de missão materna se manteve com a mãe em todos os períodos: *"a Livia, não vi coragem igual, porque ela também se manteve mãe até o final, até o último suspiro ela se manteve mãe"*.

As características positivas de Livia são destacadas ao longo da história familiar, as quais mantiveram-se até mesmo quando a doença estava avançada. Dessa forma, Livia é descrita por suas percepções especiais, seu hábito de tomar chimarrão, bem como, por seu amor. *"Ela sempre lúcida, sempre com aquele dom de*

*perceber as coisas, pequenas particularidades, pequenas características das pessoas e se houvesse uma mudança ela notava”; “ela adorava ficar sentada com o Chimarrão, ela tinha que apoiar um bracinho no outro pra tomar o Chimarrão dela”; “os últimos movimentos que do dia a dia dela lembrava que ela mexia a mandíbula pra me falar que me amava”.*

O pai referiu que atualmente, a família busca lembrar de Lívia como “*ela gostaria de ser lembrada: com saúde, bonita, exuberante como sempre foi*”. Ademais, o respeito é uma característica da imagem de Lívia na família hoje, “*um respeito que mamãe é mamãe, mantém aquela figura ali*”. Esse aspecto também é reforçado no convívio da família com outras pessoas que foram alunos de Lívia, e expõem reconhecimento e emoções. Assim, Gilberto observa que Letícia recebe reconhecimento por ser filha de Lívia: “*Ela vê importância que a Lívia teve em vida pras outras pessoas, pras instituições, ela recebe esse reconhecimento*”.

### **3.4.3 A mãe na família que segue**

As vivências prévias junto à mãe embasaram a relação de pai e filha. Ao lembrar do período de doença até o óbito de Lívia, Gilberto descreve como “*dois anos de fé, de esperança, bem vividos, bem aproveitados, mesmo ela sendo esclarecida, sempre com um sorriso no rosto, sempre com espírito de luta*”. As características expressas por Lívia nesse período, balizaram o enfrentamento da família em seu sofrer: “*foi intenso, mas foi um sofrimento silencioso. (...) Porque a Lívia era discreta, até pra sofrer, e ela nos ensinou isso, a sofrer em silêncio. Resignação, como dizem. Aceitar aquilo ali, (...) um blindou ao outro. Eu blindei a Letícia e a Letícia me blindou*”. Além de sofrer, os ensinamentos de Lívia também aparecem relacionados ao seguir em frente, pois esclarecia a possibilidade de sua morte, e recomendava a união de pai e filha: “*passando ensinamentos pra Letícia de que se ela faltasse a Letícia ia ter que seguir o caminho junto comigo*”; “*Lívia orientava ela muito sobre a possibilidade de ela ter que nos deixar mais cedo, né, e que eu teria que seguir em frente com a Letícia*”.

O casal já conversava sobre as lembranças, presença e sentimentos que ficariam quando Lívia morresse: “*Antes de morrer eu falei: ‘Lívia e aí como é que eu vou fazer agora eu e Letícia sozinho, já tínhamos, ela falou: ‘É só pensar em mim, que eu vou estar presente junto com vocês’*”. Esse pensar em Lívia permaneceu

característico na família: *“A Livia se mantém presente dentro das nossas relações, diariamente, relações, né. Fotos dela não tem tanto significado quanto o que a gente pensa sempre”*; *“Letícia traz muito disso: ‘Ah mamãe sempre falou isso’”*. As lembranças de Livia também se fazem presente em momentos que representam-na, como *“datas, histórias, fotos, lembranças, fé”*.

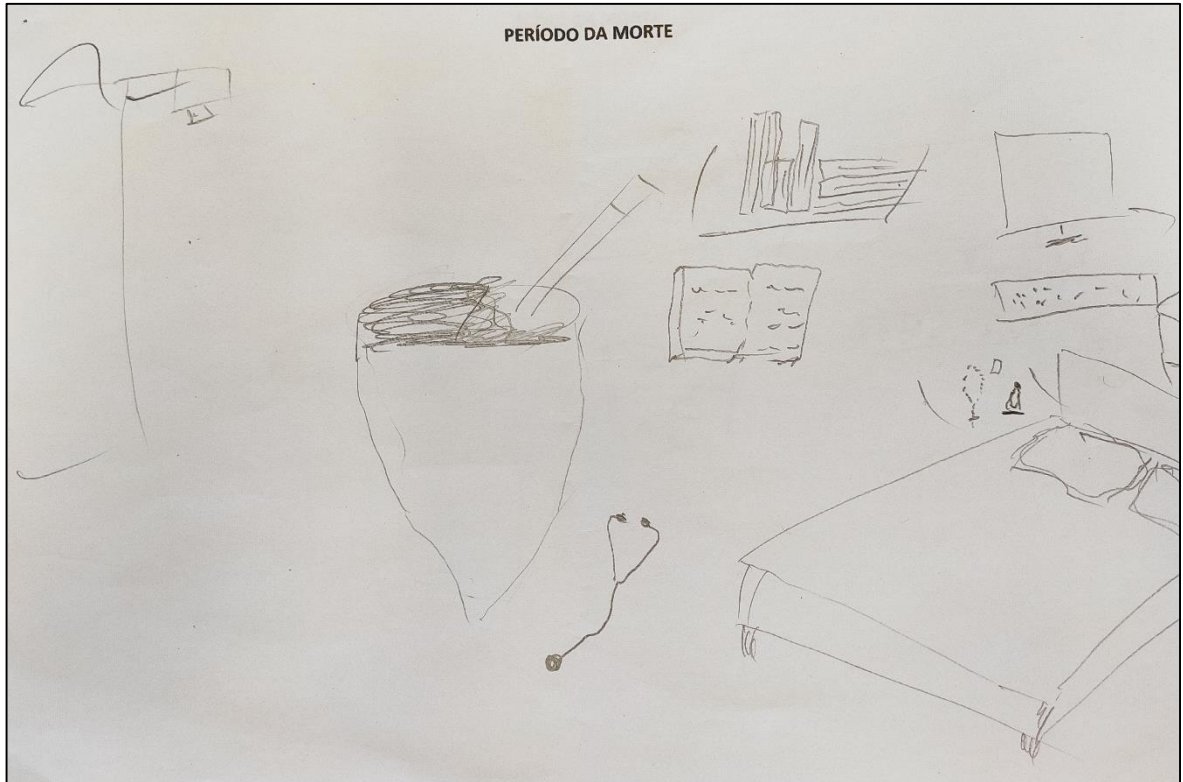
Entretanto, por certo tempo, pai e filha tiveram dificuldades em falar sobre Livia: *“ficamos quase 1 ano, 2, um poupando o outro de falar, porque a dor era intensa. Só que, nem eu poderia chorar, nem a Letícia queria chorar, pra gente não se mostrar triste com isso, um para o outro né”*. O abalo e sofrimento com as lembranças também se referiam à doença que *“machucou muito a Livia”*, período que a família vivenciou a transformação da *“imagem da Livia que era uma pessoa normal”* e em função do câncer *“debilitou demais e transformou a Livia numa pessoa muito frágil”*. Com o tempo, *“como se fosse um tecido cicatrizado”*, Gilberto e Letícia foram sentindo-se à vontade para conversar sobre os sentimentos e as lembranças: *“o pesar foi se desfazendo e a lembrança veio aos pouquinhos e a liberdade de falar as coisas sobre, a mamãe gostava disso, gostava daquilo, a música que a mamãe gostava, mamãe sempre brigava comigo. É, então isso veio naturalmente com o tempo”*.

Gilberto descreve que ser *“pai solito, sozinho, pai e mãe”* é um desafio, pois *“cada um dia uma situação nova, uma saída, o primeiro namorado, e assim vai, porque não tinha o lado materno. Mãe ainda tem aquela conversa aberta, né”*. Essa diferença que causa a falta da mãe também mobiliza para que o pai busque empenhar-se com a filha: *“mas eu como pai sempre me preocupei se eu ajudei a suprimir aquele sentimento da perda da mãe”*. Nesse sentido, o que colaborou no processo de luto e enfrentamento da morte da mãe, segundo Gilberto foi *“a estrutura familiar que eu, Livia e Letícia tínhamos, né, amor, harmonia, parceria”*.

A estrutura familiar e as características da família são narradas pelo pai com constância. Nos desenhos que realizou, diferenciam-se elementos característicos do período de doença e morte, como os objetos religiosos e a cama (Figura 9). Porém, os elementos que remetem ao trabalho do pai e ao estudo da filha, bem como o hábito de tomar chimarrão da família, estão presentes em todos os seus desenhos (Figura 9 e 10).

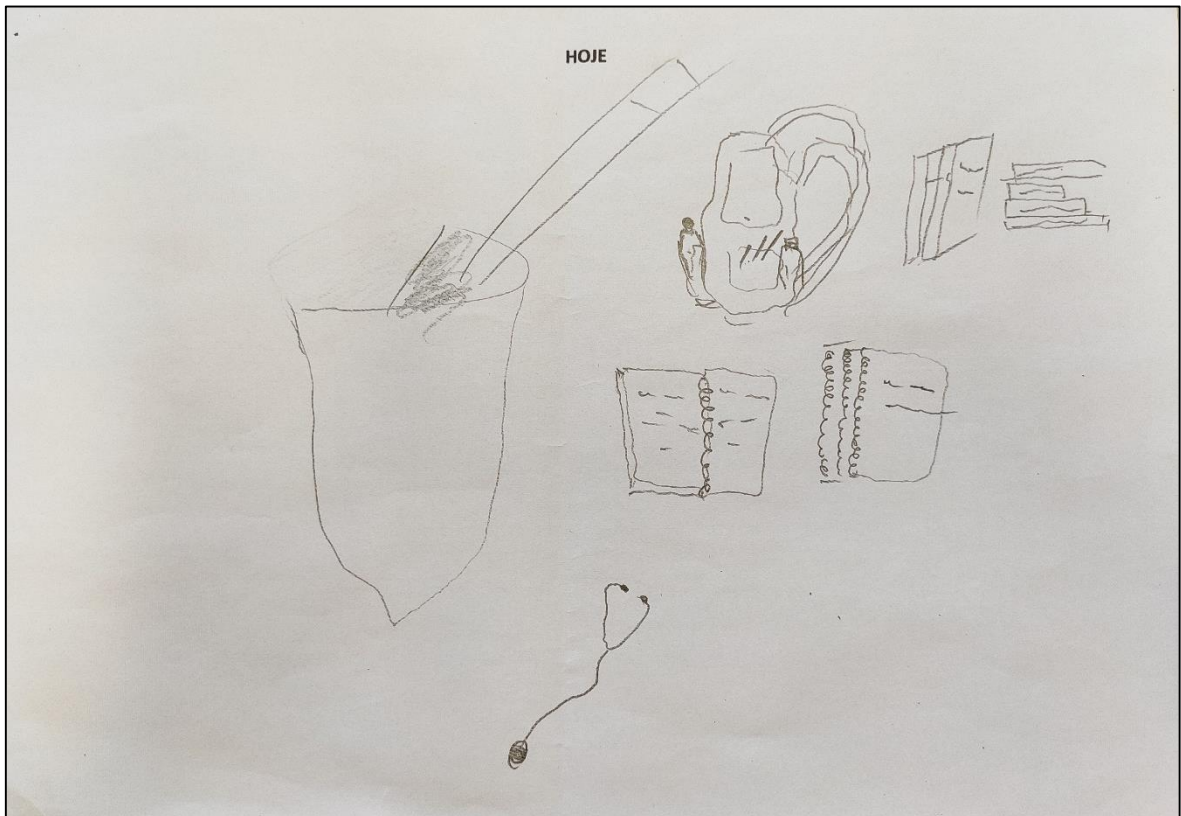
Figura 9 - Desenho de Gilberto sobre a família no período da morte de Livia





Fonte: Participante Gilberto

Figura 10 - Desenho de Gilberto sobre sua família hoje



Fonte: Participante Gilberto.

Sobre a compreensão da sua família hoje, Gilberto entende que *“pai e filha, como família, é uma família capenga”*. No que se refere ao exercício da paternidade, entende que *“Agregou a uma pseudo mãe né, pra ter aquela sensibilidade de mãe, de tentar entender, puxar diálogo, mas não tem como, né”*. Dessa ausência da figura feminina surgia a preocupação anterior de Lívia para que Gilberto atentasse no momento que encontrasse outra pessoa: *“poderia recomeçar a vida, mas que eu sempre pensasse na Letícia. Não ia colocar uma pessoa que ia maltratar, discordar (...) Então, isso sempre foi uma preocupação pós Lívia também na minha vida”*.

Ao longo da história familiar o sofrimento *“cicatrizou”*, pai e filha apoiaram-se *“ficando um com o outro, dando apoio, dando amor, vai pra um lado, vai pra outro, trago, levo”*. Além disso, Gilberto atentou para a continuidade dessa história entre pai e filha: *“Tem muita coisa pela frente ainda, né. Pra ser pai vai ser a vida inteira, não tem, as responsabilidades, as atribuições, as orientações, a maturidade dela”*.

#### 4. DISCUSSÃO

As histórias das famílias são contadas a partir da formação do casal e nascimento dos filhos. A partir de então, é conduzida pelo histórico de adoecimento da esposa até a morte. Com isso, a família de pai e filho(a) segue em enfrentamento de luto e construindo o lugar da mãe na narrativa familiar. Para isso os resultados serão discutidos, junto à literatura, por meio das categorias: Despedidas e (des)conexões com a mãe; Um lugar idealizado; A mãe na família que segue.

Ressalta-se que a discussão não busca julgamentos ou avaliações, compreendendo a vivência única de cada caso e a dificuldade enfrentada pelos participantes. Entende-se, da mesma forma que Silva (2009), que não existe certo ou errado, pois cada família elabora o luto à sua maneira, permitindo que cada um decida o que funciona para si, sem crítica ou julgamento. A discussão trata-se, então, de entender essas realidades e construções referentes ao lugar materno na família.

##### 4.1 DESPEDIDAS E (DES)CONEXÕES COM A MÃE

Os resultados demonstram que a morte na família gera efeitos imediatos, decisórios na elaboração da perda e que tem por finalidade encarar a realidade da morte, conectar-se com essa circunstância, e também afastar-se da mesma. Dessa forma, essa categoria aborda a criação e relação com as narrativas sobre a mãe por meio da comunicação da morte aos filhos, rituais de despedida e de lembrança, e atitudes de ordem prática que visam delimitar os espaços materiais da mãe na família. Assim, a categoria abrange a conexão com a realidade da morte, a desconexão de alguns espaços relacionados à mãe e novas conexões em outros, por meio de ações que têm esse fim.

Questões de ordem prática são prioridade e geram processos decisórios difíceis por parte de todos os envolvidos, tais como a maneira de dar a notícia da perda, a escolha da roupa que será usada no funeral, bem como, as providências necessárias para o velório e o sepultamento (SILVA, 2009). Nas famílias entrevistadas, percebe-se que essas decisões contêm também as preocupações com a forma de inserir, ou não, as crianças nesses processos imediatos.

A notícia da morte da mãe chega ao pai junto à missão de comunicar a notícia ao filho. Embora alguns já tivessem pensado nas possibilidades desse momento, os participantes Rodrigo e Gilberto demonstraram que nenhuma maneira parece correta, afinal, a morte também não lhes era correta. Lima e Kovács (2011) salientam que aquele que comunica sobre a morte também está de luto e, portanto, sofre e necessita de apoio tanto quanto a criança. Nesse tocante, em muitos momentos, não se sabe como agir, não se tem as respostas ou não se encontram as palavras adequadas ou suficientes. Como também exemplificou Gilberto, que culpa-se da forma direta que usou para comunicar a filha, inclusive julgando estúpida, e lembrando com desconforto desse momento.

Rodrigo não conseguia contar ao filho sobre a morte, ao passo que Gustavo não perguntava sobre a mãe. Nesse sentido, a literatura esclarece que as crianças tendem a proteger os pais enlutados de seu sofrimento. Sendo viúvo e pai de uma criança pequena, a expressão emocional pode ser bloqueada pelas responsabilidades, com os filhos e os parentes agindo para manter esse pai forte e funcionando (WALSH; MCGOLDRICK, 1998). Já no caso de Oscar, que vinha sendo orientado a preparar-se para esse momento, o pai apoia-se na evolução da doença que vinha sendo observada pela filha na hospitalização, conectando o fato da morte com algo que a criança já elaborava anteriormente.

As filhas de Gilberto e Edson, que perderam as mães aos 12 anos, já tinham uma compreensão sobre a morte. Assim, não foi necessário que os pais buscassem uma explicação para as filhas sobre o que significava o morrer. Conseqüentemente, elas entendiam também a dor e sofrimento relacionados. Em função disso, os pais já lhes oferecem orientações para o enfrentamento da perda, como preservar a fé e manter-se unidos. Nesse tocante, a literatura demonstra que, apesar de difícil, a comunicação da morte de um parente próximo à criança é imprescindível e deve ser revestida de alguns cuidados por parte do comunicador, que deve ser alguém com quem a criança tenha fortes laços afetivos (EMER, MOREIRA e HASS 2016).

Já para Rodrigo e Oscar, com filhos menores no momento da morte das mães, os conceitos de morte também precisavam ser explicados. Com isso, a explicação de que a morte é quando Papai do Céu leva a pessoa para o céu foi usada por ambos. Rodrigo explicou para Gustavo que Papai do Céu precisava de uma pessoa muito boa, por isso levou a mãe, que se tornou uma estrela. Já Oscar, conta a filha que Papai do Céu quis acabar com o sofrimento da mãe, já que os remédios não faziam mais efeito. Bousso et al (2011), em pesquisa com famílias enlutadas, percebem que a religião é um instrumento de explicações que ajudam a dar significado às experiências de doença e morte.

Ao utilizarem de suas crenças religiosas na explicação da morte aos filhos, os pais reiteram a submissão a Deus, assim, conforme Bousso et al (2011) há uma aceitação das situações de sofrimento e torna-se mais fácil seguir adiante. Esses conceitos sobre a morte da mãe são entendidos como mitos. O mito é compreendido como um sistema explicativo dos diferentes fenômenos da vida, difíceis de serem compreendidos ou aceitos de forma consciente (FALCKE; WAGNER, 2005). Quanto maior for o sofrimento, mais a família se apegará ao mito, funcionando como explicação operante (MIERMONT, 1994 apud FALCKE; WAGNER 2005).

Falcke e Wagner (2005) explicam que ao falar em mitos, admite-se que a realidade se mescla à fantasia para criar novas situações em que os elementos conectam-se arbitrariamente, contribuindo para que se construa uma realidade que venha a suprir as necessidades afetivas. Os resultados desse estudo mostram que os pais procuraram elaborar explicações a partir de conceitos que as crianças conheciam, como a figura de Papai do Céu/Deus e a própria doença que vinha sendo vivenciada. Nesse tocante, Hispagnol (2011) refere que quando a perda tem uma explicação que confirma algo que o enlutado pensava anteriormente, trazendo

sentido, encontra-se certo grau de conforto. Os mitos também esclarecem como devem comportar-se os membros da família (FALCKE; WAGNER, 2005). Nesse sentido, a justificativa da morte a partir da intervenção divina afasta a possibilidade de questionamentos e possibilita espaços de conexão por meio de rituais que envolvem a fé nessa dimensão celeste.

Culturalmente e historicamente, a morte é demarcada pelos rituais fúnebres. Esses rituais ratificam a vida vivida pela pessoa que morreu, facilitam a demonstração de sofrimento de forma consistente com os valores da cultura, expressam simbolicamente o sentido da morte e da vida e apontam uma direção para conferir sentido à perda, ao mesmo tempo que possibilitam a continuidade para os vivos (IMBER-BLACK, 1998). A literatura aponta que as crianças são geralmente excluídas dos processos de morte, como velório e enterro, a fim de protegê-las do sofrimento (BOWEN, 1998; EMER, MOREIRA, HASS, 2016). Em contraponto a esse aspecto, os resultados desse estudo demonstram que 3 filhas participaram das cerimônias fúnebres junto dos pais. Essa vivência vai ao encontro do que é recomendado pela literatura (BOWEN, 1998; SILVA, 2009).

A preocupação de Oscar em mostrar para a filha de 4 anos onde ficaria o corpo da mãe, constitui-se em uma forma de conectar a filha à realidade, estando em acordo com o proposto por Walsh e McGoldrick (1998), que alertam que evitar a realidade, por meio de uma intensa mistificação, pode ser problemático. Além da cerimônia de enterro, as posteriores visitas ao cemitério são momentos vivenciados por todas as famílias participantes. É uma forma de prestar homenagem e reconectar-se a lembranças, mantendo a cultura da sociedade. Ainda, pode representar a segurança e conforto de poder expressar sentimentos de uma forma limitada no tempo e espaço, como recomenda-se em rituais terapêuticos (IMBER-BLACK, 1998).

Os participantes Edson e Gilberto mencionaram as missas como rituais ligados às falecidas esposas, onde as filhas participam. Esse tipo de ritual aparece tanto como uma necessidade pessoal de ir em busca do espaço de ritualizar, quanto da demarcação de datas que, por tradição, reúnem os familiares nas missas. Imber-Black (1998) explica que rituais como as missas católicas de sétimo e trigésimo dias e aniversários da morte exprimem a realidade do luto como um processo que ocorre com o tempo e que requer estruturas familiares para possibilitar sua elaboração.

Já na família do pai Rodrigo e filho Gustavo, as orações diárias em menção à mãe tornaram-se um ritual presente no cotidiano. No estudo de Bousso et al (2011), percebeu-se que rezar é uma prática comum e confortadora no momento de dificuldade nas famílias após as mortes. Nesse sentido, observa-se que o ritual está ligado também ao mito relacionado à mãe. Estando a mãe no céu a cuidar do filho, possibilita-se que nas orações o filho peça sua atenção e zelo àquilo que ele deseja.

Edson incluiu a filha na elaboração do espaço fúnebre da mãe, escolhendo juntos as fotos e modelo de lápide para o túmulo. Gouveia e Montani (2006) referem que os retratos fixados nas lápides mantêm as recordações de alguém, de uma história, sendo que o que se vê na foto é oposto daquilo que está enterrado, mas o que se quer ver e lembrar é o que está no retrato. Nesse tocante, Edson e Luana escolheram, juntos, os elementos que representariam essa história a ser lembrada pela lápide.

Como tarefa dos primeiros momentos após a morte, que vem a pontuar a presença e ausência da pessoa que morreu, estão as decisões referentes a seus objetos pessoais. Silva (2009) demonstra que a família sente-se insegura sobre o que fazer com os objetos pessoais. Além disso, há uma cobrança por parte da sociedade para que se livrem dessas coisas, como uma maneira de se livrar da dor da ausência ou mesmo da saudade, como se fosse possível simplesmente esquecer a existência daquela pessoa e o que aconteceu. Porém, a autora refere que não há padrão nem receita de como deve ser implementada tal tarefa, pois é preciso respeitar o ritmo da família em seu processo de luto. No caso de Oscar, buscou-se a doação dos objetos de lara logo após a morte, desejando também o afastamento das lembranças que traziam sofrimento. Já Edson, mesmo cobrado pela sociedade que estava à espera das doações da falecida esposa, decidiu respeitar seu tempo de elaboração. Além disso, Edson e a filha Luana buscaram nos pertences da mãe Angélica os itens que poderiam servir à filha, mas que não fossem símbolos explícitos de sua imagem a ser preservada na saudade.

Por mais que esses atos decisórios sejam tomados e, por vezes, ritualizados ainda nos primeiros dias ou primeiros meses, pode-se ver o luto como um processo contínuo, em que, a cada conexão ou desconexão, novos significados acomodam-se. Silva (2009) observa que as mudanças acontecem gradativamente, e as lembranças importantes para a família vão sendo mantidas, ao mesmo tempo em que os espaços são modificados.

## 4.2 UM LUGAR IDEALIZADO

Dados os resultados, percebe-se que as mães ocupam lugares idealizados nas narrativas apresentadas pelos pais. Em função disso, essa categoria busca discutir sobre a construção destas idealizações e sua manifestação junto da família. Os pais preocupam-se em transmitir essa imagem aos filhos, e suas construções podem ser compreendidas como legados.

Segundo Dantas (2008), a morte retira a pessoa da dimensão material e sua pessoa passa a habitar de forma metafísica e subjetiva a realidade daqueles que ficam, os quais se responsabilizam pela construção desse espaço. Os mortos não têm direitos de personalidade, uma vez que a morte a extingue, mas a memória admite que as marcas dessa personalidade findada continuem e, inclusive, sejam transmitidas aos herdeiros como patrimônio moral (DANTAS, 2008).

Os resultados desse estudo apontam que a imagem da mãe é construída e reforçada com base em características positivas. Sua personalidade recebe um lugar de destaque, tornando-se um exemplo a ser seguido pelo marido e pelos filhos. Percebeu-se que a maioria dos pais busca destacar, idolatrar e assegurar que a figura da mãe se mantenha idealizada. Reservar esse lugar ao familiar morto é também encontrar significado à vida que teve e mesmo à sua morte.

Esses achados vão ao encontro da literatura, que identifica a idealização dos familiares mortos (HISPAGNOL, 2011; FUJISAKA, 2009). No presente trabalho, essa construção e manutenção da imagem materna para os filhos aparece como preocupação dos pais, especialmente do caso de Rodrigo, pois o seu filho Gustavo perdeu a mãe na primeira infância. Percebe-se que Ester, mãe de Gustavo, é sustentada na fala do pai frequentemente em todas as suas qualidades e histórias de alegria, para que seja assim reconhecida. Possivelmente, isso se relaciona com a preocupação de que a mãe seja esquecida e esse lugar materno esvaziado, já que o filho teve pouca convivência com ela.

Os resultados mostram que as debilidades trazidas pelas doenças das mães são postas em perspectiva frente à manutenção de suas características e enaltecimento de força e coragem. Da mesma forma, o trabalho de Nadeau (1998, apud, HISPAGNOL, 2011) com famílias que enfrentaram uma perda, constatou que a maioria das pessoas caracterizava a pessoa morta por meio de aspectos positivos e,

quando não o fazia, em seguida apontava aspectos positivos, ou encontrava uma justificativa para as atitudes negativas do falecido.

Ao observar essa passagem de pai para filho de uma imagem positiva e idealizada, pode-se pensar em legados. Os legados familiares definem como se revelam para as gerações posteriores os principais aspectos da família atual e o que se espera que tenha continuidade (FALCKE; WAGNER, 2005). As autoras explicam que o processo de legado consta de: identificar o que quer transmitir (clarificação e destilação); e, posteriormente, encontrar uma forma de transmitir esse pacote de temas, valores e regras para a geração seguinte.

Os resultados evidenciam que os pais participantes do estudo escolhem transmitir as características positivas, buscando anular as dificuldades trazidas pelo adoecimento. A forma que encontraram para isso é por meio das descrições e histórias. Assim, os ideais que provém da mãe, como a bondade, a inteligência e o equilíbrio, são passados em legados aos filhos, como valores a serem seguidos.

Na pesquisa realizada por Fujisaka (2009) com adultos que perderam a mãe na infância, constatou-se que a maioria das crenças relatadas pelos participantes remetia a uma idealização da imagem da mãe, ou uma idealização do relacionamento que poderia ser construído se estivesse viva. Harris (1995 apud FUJISAKA, 2009) afirma que as crenças sobre o genitor após sua morte geralmente trazem conforto à criança, sendo necessárias em meio à insegurança de seu novo mundo, e podem ser expressão da falta que sentem. Nesse sentido, os resultados aqui apresentados sobre os legados referentes à importância do estudo na vida dos filhos são também uma forma de encontrar sentidos na vida após a perda experienciada. Afinal, seguir com a vida e objetivar o sucesso escolar das crianças são formas de cumprir com os desejos da mãe.

Em caso acompanhado e relatado por Harris (1995 apud FUJISAKA, 2009), uma mulher adulta descrevia sua mãe como uma mulher muito feliz, extremamente bonita, mãe e esposa maravilhosa, como uma princesa em um conto de fadas. Porém, estava consciente que a morte ocorrida em sua infância fez com que criasse para si uma imagem idealizada e irreal da mãe. Ainda assim, a filha gostaria de continuar lembrando-a dessa maneira, que trazia-lhe o conforto que necessitava em muitos momentos. Walsh e McGoldrick (1998) alertam, entretanto, que a idealização excessiva do morto pode dificultar a formação de outros relacionamentos.



Fujisaka (2009) aponta que as crenças sobre a mãe falecida, sobre sua história e a idealização dessa figura, as quais surgem na infância, tendem a acompanhar o sujeito até a idade adulta, tornando-se fundamental atentar a esse período de desenvolvimento e ofertar à criança a segurança para expor seus sentimentos. Nesse sentido, Emer, Moreira e Hass (2016) referem a necessidade de ofertar suporte às famílias enlutadas com crianças, pois consideram fundamental instrumentalizar os familiares para abordarem a questão da morte com as crianças.

#### 4.3 A MÃE NA FAMÍLIA QUE SEGUE

A presente categoria visa discutir sobre os aspectos que marcam a presença da mãe na relação familiar atual, visto que esse aspecto se difere ao longo do tempo, e novas formas de se relacionar e representar a mãe acabam por surgir. Assim, existe essa constante construção do lugar da mãe na relação familiar. A presença no diálogo, nas menções em situações cotidianas que associam-se à mãe, as fotos e contar histórias são meios que perpetuam esse lugar materno junto da família.

Para entender o lugar da mãe na relação familiar após a morte, é necessário que se observe as vivências prévias, nas quais as quatro famílias do estudo presenciaram um período de adoecimento materno. De acordo com Kübler-Ross (1998), a doença pode permitir uma adaptação e transformação gradativa do lar. Nesse aspecto, os resultados do presente estudo mostram que as relações familiares já se modificavam, preparando-se para quando a mãe não estivesse mais em vida.

Os resultados também mostram que as relações se modificaram junto ao desenrolar do tempo e elaboração dos sentimentos envolvidos. Para Gilberto, quando acomodou-se o sofrimento agudo inicial, ele pôde falar de forma mais aberta com a filha sobre Lívia. Esse período de maior comoção está ainda sendo vivido por Edson, após apenas dois meses da morte de Angélica, pois mesmo que ele e a filha tenham liberdade de falar sobre a mãe, há uma forte mobilização emocional, que, muitas vezes, os impede de seguir no assunto.

Esses fatores relacionados ao tempo estão de acordo com a visão clínica de Silva (2009), a qual aponta que nos primeiros meses o sofrimento ligado à saudade é intenso. A autora percebe, ainda, que famílias com mais tempo de perda relatam que o sofrimento vai amenizando ao longo dos anos enquanto a saudade aumenta,

indicando haver uma transformação na qualidade dos sentimentos em relação à ausência, bem como, que a perda sempre será lembrada.

Contudo, sendo um processo único em cada família, o tempo não é um determinante para a forma de permitir ou não a presença da mãe nas relações. Percebe-se que na família de Edson e Luana, mesmo tendo perdido Angélica recentemente, permite-se que ela seja mencionada nas situações diárias. Dessa forma, a mãe tem seu lugar nos diálogos que lembram a sua forma de agir e pensar frente aos comportamentos da família. Semelhante relação ocorre na família de Gilberto e Letícia, que conseguem conversar e mencionar a mãe Lívia nas suas conversas, e, da mesma forma, permitem-se trazer a imagem da mãe quando lembram-se de seus gostos, hábitos e crenças.

Na família do pai Rodrigo e filho Gustavo existe um lugar para a mãe na hora de disciplinar e educar a criança. A crença de que a mãe está no céu a cuidar do filho permite também que ocupe a função de orgulhar-se ou decepcionar-se com o comportamento do mesmo. Dessa forma, a imagem de Ester se faz presente como uma constância na família, sendo mencionada recorrentemente. De modo diferente, entre Oscar e Camila ainda se evita falar sobre a mãe Iara. Nesse sentido, cabe ressaltar que existe uma tendência social de acreditar que o melhor é esquecer da morte e do morto, para poder seguir em frente com a vida (FUJISAKA, 2009).

Alguns estudos na área do luto têm pensado sobre a manutenção e continuidade do vínculo com a pessoa perdida, observando que o processo de luto não implica na busca pelo fim, pela quebra do relacionamento com o morto, e sim, a redefinição da relação e a incorporação dessa na estrutura de vida do enlutado (FUJISAKA, 2009). Esses vínculos aparecem de forma mais clara nas narrativas de Rodrigo, Edson e Gilberto, casos em que não se percebeu uma evitação da lembrança, mas sim, um movimento de adaptar à realidade e entender os sentimentos gerados a partir disso. Albom (1998 apud Fujisaka, 2009, p.168) destaca que “a morte é o fim de uma vida, mas não de um relacionamento”.

Todos os participantes relataram que mantêm em seus lares fotografias que retratam a mãe. Essa presença é uma afirmação de que a mãe pertence à história que ali continua. Além das fotos expostas, os momentos de rever álbuns ou fotos no computador são formas de conectar-se com as lembranças e de falar sobre os sentimentos entre a família. A fotografia detém o curso do tempo, pois o espaço fotográfico é um espaço capturado: sabe-se que o ausente está presente, mas, fora

da fotografia, o ausente é recriado no imaginário do observador (GOUVEIA; MONTANI, 2006).

Gouveia e Montani (2006) referem também que mesmo na ausência de signo, através do que se vê na fotografia, é possível, pela ativação de seu imaginário e repertório, construir toda uma trama de fatos e, assim, interpretar a imagem visual. No caso do filho Gustavo, que perdeu a mãe na primeira infância, havia sua solicitação de ficar olhando as fotos de momentos que ele não presenciou, por um período de tempo. No caso de Gustavo, aparece também a ligação com a mãe por meio da representação material, por meio do colar usado pelo filho, que pertencia à Ester. Nesse caso, o pai Rodrigo também reafirma essa ligação ao defender a semelhança física do filho com Ester.

A maioria dos participantes do estudo de Fujisaka (2009) demonstrou ter um vínculo significativo com a figura da mãe, mesmo na sua ausência física, pois continua sendo uma pessoa importante em suas vidas. Os resultados aqui presentes corroboram esse entendimento, demonstrando que esses vínculos continuam existindo. Esse fator vai ao encontro do trabalho desenvolvido por Michael White junto a famílias enlutadas, por meio do qual as famílias poderiam “Dizer olá novamente” ao invés de dizer adeus (GRANDESSO, 2011). A autora explica que White criava uma conversação com seus pacientes, utilizava a metáfora da vida como um clube, tendo em seu quadro de membros aqueles que são significativos na vida da pessoa, sejam elas vivas ou mortas. Enfim, os membros do clube da vida de uma pessoa são aqueles cujas vozes são influentes para a forma como a pessoa constrói sua identidade (GRANDESSO, 2011).

A presença da mãe na relação entre pai e filho(a) também se refere às orientações e exemplos maternos em vida. As mães Lívia e Angélica conversavam com os maridos sobre como conduzir as filhas após sua morte. Assim, as mães ocupam um lugar na paternidade de Gilberto e Edson, que buscaram incrementar suas funções com as características recomendadas, especialmente quanto ao diálogo aberto, confiança e amizade. Rodrigo identifica a sua diferença de Ester na educação, mas ao longo da narrativa, percebe-se que ele busca a estratégia do diálogo, que era valorizada pela companheira. Nesse tocante, percebe-se que os pais preocupam-se em dar conta da paternidade de forma a preservar o que já vinha sendo feito antes da morte das mães.

Essa continuidade também é relatada nas atividades e passeios realizados por pais e filhos, que buscam seguir da mesma forma como era feito com as mães. Especialmente nos casos de Rodrigo, Edson e Gilberto, o amor e zelo que as mães tinham pelos filhos parece integrar a relação da família.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os lugares construídos e reconstruídos para a mãe nas histórias familiares e no seu cotidiano possui complexidade e intensidade. A figura materna é associada a concepções idealizadas, envolvendo diversos sentimentos. A morte, por sua vez, refere-se ao principal tema tabu da sociedade. Assim, unificar a temática da morte e da maternidade constitui-se em um grande desafio. Estudos que abordam a temática da morte da mãe por meio do olhar para a continuidade de suas representações na família são escassos.

O luto familiar é instigante por sua complexidade e riqueza, mas carece de pesquisas, talvez também pela dificuldade de entrar em contato com o tema por parte dos pesquisadores (SILVA, 2009). Pesquisar sobre o luto não é escolha fácil. Contudo, a psicologia ainda necessita de novos espaços para essas construções, o que implica no enfrentamento dos próprios conceitos e experiências, e, especialmente, a desmistificação de tabus sobre o tema.

Esse trabalho pôde alcançar a narrativa de pais trazendo o lugar das mães que morreram e entendendo essa permanência junto a composição familiar de pai e filho. No que tange aos procedimentos de coleta de dados, considera-se que foi de grande valia a realização de dois encontros com cada participante, sendo o primeiro com a entrevista narrativa, que trouxe a liberdade para os pais contarem os fatos da sua forma, momento em que estabelecia-se uma relação de confiança com a pesquisadora. O uso dos desenhos como “tarefa de casa” também foi compreendido como um grande facilitador da comunicação pais-pesquisadoras, visto que, por meio deles, os pais puderam trazer a representação da narrativa que contaram, e também falar sobre novos conteúdos que refletiram ao longo da semana em que realizaram a tarefa, sendo significativos nessa construção.

Vale atentar que todos os participantes que foram contatados aceitaram participar da pesquisa. Além disso, mencionaram às pesquisadoras um retorno de se sentirem beneficiados pelo momento de lembrar e refletir aspectos importantes de

suas histórias familiares. Alguns expuseram, também, uma curiosidade em saber de outros casos de pai viúvos. Esses fatores indicam o interesse desses pais em elaborar e compartilhar suas vivências em um ambiente seguro e ético. Assim, infere-se que, possivelmente, estratégias de grupo junto à essa população possam trazer bons resultados.

Nesse tocante, percebe-se também a importância de a família permitir-se entrar em contato com a realidade da morte, ausência, sofrimento e lembranças, a partir daí podendo encontrar os novos espaços que a pessoa morta pode ocupar em suas vidas e em sua história. Dessa forma, considera-se fundamental que os profissionais da psicologia possam aproximar-se da temática a fim de auxiliar as famílias com que trabalham nesses processos de significação da morte.

Considera-se que não acessar a narrativa dos filhos sobre a mãe foi uma limitação desta pesquisa. Sugere-se que novos trabalhos venham atentar para os lugares de pessoas importantes que morreram que são mantidos nas famílias, especialmente com crianças que perderam algum dos pais, pois essas tendem a criar suas crenças com a influência do genitor sobrevivente, o qual, por vezes, está abalado pelo luto e pode ter dificuldade nesse enfrentamento.

Ao finalizar, lembra-se o quanto, ao longo desse estudo, houve a sensação de que os significados dos conteúdos referente às mães escapavam à capacidade de traduzi-lo em escrita. Da mesma forma, Kübler-Ross (1998, p.3) ao apresentar seu livro questiona “Quantas coisas são ditas sem pronunciar palavras, mas são sentidas, vivenciadas, vistas e dificilmente traduzidas verbalmente?”.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOUSSO, R. S. A teoria dos sistemas familiares como referencial para pesquisas com famílias que experienciam a doença e a morte. *remE – Rev. Min. Enferm.*, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 257-261, abr./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/266>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

BOUSSO, R. S. et al. Crenças religiosas, doença e morte: perspectiva da família na experiência de doença. *Rev Esc Enferm.* v. 45, n. 2, p. 397-403. USP. São Paulo: 2011. Disponível em: <[www.ee.usp.br/reeusp/](http://www.ee.usp.br/reeusp/)>. Acesso em: 14 jun. 2019.

BOUSSO R. S. et al. Uma nova forma de luto: os efeitos da revolução tecnológica. *ComCiência*; n. 163. 2014. Disponível em: <[http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-76542014000900008&lng=pt&nrm=iso](http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542014000900008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 07 ago. 2019.

BOWEN, M. A reação da família à morte. In: WALSH, F.; MCGOLDRICK, M. **Morte na Família: Sobrevivendo às Perdas**. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 105-117.

BRASIL. **Lei nº8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, DF, Brasil, 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm)>. Acesso em: 10 abr. 2019.

BRASIL. **Resolução Nº 510 do Conselho Nacional de Saúde**, de 07 de abril de 2016. Brasília, DF, Brasil, 2012. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html)>. Acesso em: 10 abr. 2019.

BROWN, F. H.; O Impacto da Morte e da Doença Grave Sobre o Ciclo de vida Familiar. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a Terapia Familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1995. p. 392-414.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CFP Nº 16/2000**, de 20 de dezembro de 2000. Dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos. Brasília, DF, Brasil, 2000. Disponível em: <<http://www.crprs.org.br/upload/legislacao/legislacao68.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

DANTAS, F. S. **O direito fundamental à memória**. 2008. 285 p. Tese (Doutorado em Direito). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2008. Disponível em: <[https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/4176/1/arquivo6343\\_1.pdf](https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/4176/1/arquivo6343_1.pdf)>. Acesso em: 23 out. 2019.

DEMARZO, M. M. P. Dinâmica familiar, morte dos pais e saúde da criança. *Revista brasileira de crescimento desenvolvimento humano*, v. 21, n. 3, p. 755-758, 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/jhgd/article/view/20027>>. Acesso em: 23 out. 2019.

EMER, M.; MOREIRA, M. C.; HAAS, S. A. A criança e a iminência de morte do progenitor: o desafio dos pais na comunicação das más notícias. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 21-40, jun. 2016. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-08582016000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582016000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 07 nov. 2019.

FALCKE, D.; WAGNER, A. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In: WAGNER, A. **Como se perpetua a família?: A transmissão de modelos familiares**. EDIPUCRS. Porto Alegre, 2005. p. 25-46.

FUJISAKA, A. P. **Vivência de luto em adultos que perderam a mãe na infância**. 2009. 235 p. Dissertação (Mestrado em psicologia). Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-15122009-093804/en.php>>. Acesso em 09 out. 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: <[http://www.urca.br/itec/images/pdfs/modulo%20v%20-%20como\\_elaborar\\_projeto\\_de\\_pesquisa\\_-\\_antonio\\_carlos\\_gil.pdf](http://www.urca.br/itec/images/pdfs/modulo%20v%20-%20como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf)>. Acesso em 26 mar. 2019.

GOUVEIA, C. P.; MONTANI, M. L. O papel indicial da fotografia nas lápides de cemitério. **Discursos fotográficos**, v.2, n.2, p.219-236. Londrina, 2006. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1486/1232>>. Acesso em: 23 out. 2019.

GRANDESSO, M. “Dizendo olá novamente”: a presença de Michael White entre nós, terapeutas familiares. **Nova Perspectiva Sistêmica**. n. 41, p. 99-118. Rio de Janeiro, dez. 2011. Disponível em: <<http://revistanps.emnuvens.com.br/nps/article/view/208/189>>. Acesso em: 16 out. 2019.

HISPAGNOL, I. G. R. **O luto infantil e a construção de significados familiares frente à morte de um ente querido**. 2011. 126 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2011. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/15022>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

IMBER-BLACK, E. Os rituais e o processo de elaboração. In: WALSH, F.; MCGOLDRICK, M. **Morte na Família: Sobrevivendo às Perdas**. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 229-245.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. 8. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LEANDRO, J. C.; FREITAS, P. M. L. Luto infantil: a vivência diante da perda de um dos pais. **Revista UNINGÁ**. Maringá, v. 46, p.69-75, Out./Dez. 2015. Disponível em: <<http://revista.uninga.br/index.php/uninga/article/view/1228>>. Acesso em: 06 mai. 2019.

LIMA, A. D. P. et al. O processo de luto infantil nas crianças em processos psicoterápicos em uma clínica escola. **Diversidade de práticas em psicologia**. Fortaleza: Conselho Regional de Psicologia da 11a Região, 2018. Disponível em: <<http://www.crp11.org.br/upload/Publicacao-diversidade-praticas-em-psicologia-CRP11.pdf#page=81>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

LIMA, V. R.; KOVÁCS, M. J. Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. **Psicologia: Ciência e profissão**, v. 31, n. 2, p. 390-405. 2011. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2820/282021811013.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 5ed. São Paulo-SP, Atlas, 2002.

SILVA, D. R. Famílias e situações de luto. In: OSORIO, L.C e VALLE, M.E.P (Org.). **Manual de terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 229-245.

STAKE, R. E. Estudos de casos. In: Denzin, N.; Lincoln, Y. **Handbook of qualitative research**- Londres: Sage, 1994. p. 435-454.

TUDGE, J.; FRIZZO, G. F. Classificação baseada em Hollingshead do nível socioeconômico das famílias do Estudo Longitudinal de Porto Alegre: da Gestação à Escola. **Instituto de Psicologia – UFRGS**, Porto Alegre. Manuscrito não publicado. 2002.

WALSH, F.; MCGOLDRICK. M. **Morte na família: Sobrevivendo às perdas**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

YOPP, J. M.; ROSESTEIN, D.L. A support group for fathers whose partners died from cancer. **Clinical journal of oncology nursing**, 2013, 17, 2. Doi 10.1188/13.CJON.169-173. Disponível em: <[www.singlefathersduetocancer.org/etc/CJON\\_Vol\\_17\\_p\\_169-173.pdf](http://www.singlefathersduetocancer.org/etc/CJON_Vol_17_p_169-173.pdf)>. Acesso em 10 jun. 2019.



## APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

**Título do estudo:** Monoparentalidade Masculina diante da Viuvez

**Pesquisadoras responsáveis:** Anelise Foletto de Araujo, Gabriela Sarturi Rigão, Rayssa Reck Brum e Profa. Dra. Caroline Rubin Rossato Pereira

**Instituição Responsável/Departamento:** Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

**Endereço:** Avenida Roraima, nº 1000, Centro de Ciências Sociais e Humanas, prédio 74B, 3206A, Bairro Camobi, Santa Maria/RS.

**Telefone:** (55) 999942886

Nós, Anelise Foletto de Araújo, Gabriela Sarturi Rigão, Rayssa Reck Brum e Caroline Rubin Rossato Pereira, responsáveis pela pesquisa “Monoparentalidade masculina diante da viuvez”, o convidamos a participar como voluntário deste nosso estudo.

Este estudo tem como objetivo compreender a vivência da paternidade em famílias monoparentais com filhos crianças do contexto da viuvez, identificar as mudanças experienciadas pelos pais na função parental a partir da viuvez, compreender a experiência do pai referente ao luto familiar e como entende a sua função junto aos filhos em relação ao luto, bem como, conhecer as peculiaridades e dificuldades enfrentadas pelo pai no contexto da monoparentalidade e do luto.

Os dados serão coletados através de uma Entrevista Narrativa, Desenhos e uma Entrevista Semiestruturada, individuais, que serão gravadas e, posteriormente, transcritas na íntegra. Além disso, será utilizado um Questionário Sociodemográfico a fim de obter alguns dados gerais como: idade, escolaridade, profissão etc.

Comitê de Ética em Pesquisa – Universidade Federal de Santa Maria. Av. Roraima, nº 1000. 2º andar do prédio da Reitoria. CEP: 97105-900. Santa Maria – RS. Telefone: (55) 3220-9362. E-mail: cep.ufsm@gmail.com. Web: www.ufsm.br/cep

A sua identidade será preservada em sigilo e as informações obtidas serão utilizadas somente para fins de pesquisa, sem identificação de seu nome, sendo arquivadas, por um período de cinco anos, na Universidade Federal de Santa Maria, no seguinte endereço: Avenida Roraima, no 1000, UFSM, Centro de Ciências Sociais e Humanas, prédio 74B, sala 3206A, Bairro Camobi, Santa Maria/RS. Após este prazo, os dados serão eliminados.

Você poderá solicitar esclarecimentos sobre os procedimentos e/ou outros assuntos relacionados ao estudo, bem como, poderá interromper sua participação, em qualquer momento da realização da pesquisa, sem que essa decisão lhe traga qualquer prejuízo.

Conforme a Resolução 016/2000 do CFP, esta é uma pesquisa que envolve riscos mínimos, ou seja, que não causa sofrimento psíquico aos participantes, bem como não possui a intenção de testar nenhum procedimento novo. Entretanto, pelo fato de envolver questões relacionadas a monoparentalidade a partir do luto, é possível que tais assuntos gerem algum grau de desconforto aos participantes e, caso isso ocorra, a entrevista deverá ser suspensa. Além disso, caso as entrevistas despertem algum grau de sofrimento ao participante, serão realizados encontros subsequentes a fim de minimizar o foco do sofrimento e fornecer suporte emocional ao participante. Caso necessário, será feito o encaminhamento para o projeto “Enlaces”, vinculado ao Departamento de Psicologia da UFSM e desenvolvido pelo grupo de pesquisa do qual as autoras deste projeto participam.

Apesar de não haver nenhuma forma de remuneração e/ou benefício direto pela participação nesta pesquisa, considera-se que está poderá se constituir em um importante momento de reflexão acerca da monoparentalidade masculina em função da viuvez. Além disso, os participantes estarão contribuindo para com a comunidade acadêmica e científica e, em especial, para a produção desta pesquisa, que visa explorar mais a temática em questão, tendo em vista as limitadas bibliografias encontradas.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos Comitê de Ética em Pesquisa – Universidade Federal de Santa Maria. Av. Roraima, nº 1000. 2º andar do prédio da Reitoria. CEP: 97105-900. Santa Maria – RS. Telefone: (55) 3220-9362. E-mail: cep.ufsm@gmail.com. Web: www.ufsm.br/cep

pelos pesquisadores. Fica, também, garantida indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

Agradecemos a sua participação e colaboração na produção desta pesquisa e nos colocamos à disposição para esclarecimentos complementares com a pesquisadora-orientadora do projeto, Profa. Dra. Caroline Rubin Rossato Pereira<sup>1</sup>, que pode ser contatada pelo telefone: (55)3220-9233, e as pesquisadoras responsáveis, Anelise Foletto de Araujo (55) 996726882, Gabriela Sarturi Rigão (55) 999385048 e Rayssa Reck Brum (55) 996328468.

Por fim, salientamos que este Termo de Consentimento foi elaborado em duas vias, sendo que uma destas ficará sob sua posse e, a outra, com a pesquisadora responsável pelo estudo.

#### Autorização

Eu, \_\_\_\_\_, após a leitura ou a escuta deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_




---

Participante

---

Responsável pela pesquisa

<sup>1</sup> Professora responsável: Dra Caroline Rubin Rossato Pereira. Universidade Federal de Santa Maria, Depto. Psicologia. Av. Roraima, no 1000. Departamento de Psicologia, Prédio 74B, sala 3206A. CEP: 97105-900. Santa Maria – RS. Tel.: (55) 3220-9231. E-mail: carolinerrp@ufsm.br

## APÊNDICE B- TERMO DE CONFIDENCIALIDADE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

### **Termo de Confidencialidade**

**Título do estudo:** Monoparentalidade Masculina diante da Viuvez

**Pesquisadores responsáveis:** Anelise Foletto de Araujo, Gabriela Sarturi Rigão, Rayssa Reck Brum e Profa. Dra. Caroline Rubin Rossato Pereira

**Instituição Responsável:** Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

**Telefone para contato:** (55) 999942886

**Local da coleta de dados:** Residência das famílias ou Prédio 74B – UFSM (Av. Roraima, nº 1000, Departamento de Psicologia, Bairro Camobi, Santa Maria/RS)

Os responsáveis pelo presente projeto de pesquisa se comprometem em preservar a confidencialidade dos dados dos participantes. A coleta de dados envolverá a aplicação de um Questionário Sociodemográfico, Entrevista Narrativa, Desenhos e de uma Entrevista Semiestruturada, a qual será respondida pelos participantes, com perguntas abertas sobre a temática em estudo. Concordam, igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para a realização do estudo, bem como para publicações científicas envolvendo o mesmo.

As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), na Avenida Roraima, no 1000, Centro de Ciências Sociais e Humanas, prédio 74B, sala 3206A, Bairro Camobi, Santa Maria/RS, por um período de cinco anos, sob a responsabilidade da Profa. Pesquisadora Caroline Rubin Rossato Pereira. Após este período, os dados serão destruídos.

Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM em 15/05/2019 com o número do Caae 13116619.5.0000.5346.

Santa Maria, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

---

Caroline Rubin Rossato Pereira

Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da UFSM

**APÊNDICE C- QUESTIONÁRIO DE DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
**Questionário de Dados Sociodemográficos**

Data da entrevista: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Nome do participante: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Escolaridade: ( ) Não escolarizado ( ) Ensino Fundamental ( ) Ensino Médio ( ) Ensino Superior ( ) Pós-Graduação;

Formação: \_\_\_\_\_

Profissão/ocupação:

\_\_\_\_\_

Carga horária de trabalho: \_\_\_\_\_

Salário/renda: \_\_\_\_\_

Religião: \_\_\_\_\_

Estado civil atual: \_\_\_\_\_

Telefone para contato: \_\_\_\_\_

Data de falecimento da esposa: \_\_\_\_\_

Tempo de casado quando a esposa faleceu ou ano de casamento/União:

\_\_\_\_\_

Quem você considera parte de sua família?

Nome	Idade	Parentesco/Relação	Reside junto
			<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
			<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
			<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
			<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
			<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
			<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
			<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não

Quem reside com você (coabitação)?

Nome	Idade	Parentesco	Tempo de coabitação

## APÊNDICE D- ENTREVISTA SOBRE A MONOPARENTALIDADE MASCULINA DIANTE DA VIUEZ

**Família antes da morte da \_\_\_\_\_ (esposa/companheira):**

Pensando na sua família antes da morte da \_\_\_\_\_ (esposa/companheira), gostaria que me contasse um pouco como era nesse período (vida da família, relações entre vocês, cotidiano).

Como foi para você se tornar pai?

Como vocês (você e a \_\_\_\_\_ - esposa/companheira) se organizavam com relação aos cuidados e educação dos filhos?

Como era a relação dela (esposa/companheira) com os filhos? Rotina?

Quais eram as suas (do pai) responsabilidades com seus filhos?

Como era a relação das crianças com os outros familiares e parentes? Vocês tinham auxílio de algum familiar? E de outras pessoas (profissionais, instituições)?

**A morte da \_\_\_\_\_ (esposa/companheira):**

Agora eu gostaria que você me contasse um pouco, se for possível, sobre a morte da

\_\_\_\_\_ (esposa/companheira).

Houve um processo de adoecimento da \_\_\_\_\_ (esposa/companheira) ou foi uma morte repentina?

(Caso tenha sido um processo gradual) Neste período e adoecimento, vocês já tiveram que modificar de alguma forma as tarefas e responsabilidades com relação a/o(s) filha/o(s) e à casa?

E quando ela morreu, como você se sentiu em relação a/o(s) sua/seu(s) filha/o(s)?

No dia da morte da \_\_\_\_\_ (esposa/companheira), como foi organizado o dia das crianças?

Você lembra de como foi contado para ele/ela(s) (filhos)?

Ele/ela(s) participaram dos rituais de despedida (velório, enterro/cremação)?

O que foi mais difícil para você naquele momento?

(Como foi cuidar dos seus filhos estando em um momento difícil da morte da sua esposa?)



No momento da morte da \_\_\_\_\_ (esposa/companheira), houve alguém que te ajudou com a a/o(s) filha/o(s)? (De que forma? Qual a importância disso naquele momento?)

**Primeiros meses após a morte da \_\_\_\_\_ (esposa/companheira):**

Agora eu gostaria que você me contasse um pouco sobre o período após (primeiros meses) a morte da \_\_\_\_\_ (esposa/companheira).

Houve mudanças no dia a dia da família de vocês neste período? Quais?

Foi necessária alguma mudança com relação à casa onde moravam, seu trabalho, escola da(s) criança(s)?

Você sentiu alguma mudança como pai (tarefas desempenhadas, responsabilidade, modo de ser com os filhos)?

Como o/a(s) seu/sua(s) filho/a(s) lidou/lidaram com a morte da mãe?

Como lidou/lidaram com a tristeza?

E com as mudanças na vida da família de vocês?

Como você se sentia com isso?

Você lembra de ter feito alguma coisa para tentar ajuda-lo(s) a lidar com isso, tipo... (usar exemplos do o pai já comentou antes)?

O/A(s) seu/sua(s) filho/a(s) perguntavam(perguntam) sobre a ausência da mãe?

Como você ou outras pessoas respondiam (respondem)?

O que você acha que ajudou/ajuda sua família a lidar com a morte da \_\_\_\_\_ (esposa/companheira)?

O que ajudou seus filhos?

Houve alguém importante para o/a(s) seu/sua(s) filho/a(s) e para você como ajuda para lidar com a morte da mãe?

E o que você sente que o ajudou a lidar com a morte da \_\_\_\_\_ (esposa/companheira)?

E alguém ajudou você nos momentos de dificuldade? E com relação a seus próprios sentimentos, você recebeu alguma ajuda?

**Atualmente:**

Agora eu gostaria que você me falasse sobre a sua família hoje.

Eu gostaria que você me contasse um pouco como é o seu dia a dia com o/a(s) seu/sua(s) filho/a(s):

Quais você considera as suas responsabilidades com o/a(s) seu/sua(s) filho/a(s)?

E em relação aos cuidados do/a(s) seu/sua(s) filho/a(s), que tarefas você desempenha?

E em relação à educação e disciplina do/a(s) seu/sua(s) filho/a(s), que tarefas você desempenha?

Algo lhe preocupa mais em relação a estas atividades/responsabilidades?

Há alguma atividade que seja mais difícil para você atualmente?

Há algo que você realiza hoje com o/a(s) seu/sua(s) filho/a(s) que não realizava antes?

(Caso tenha respondido afirmativamente) Como foi assumir estas novas tarefas ou responsabilidades?

Alguém (familiares, amigos, profissionais, escola) lhe ajuda no cuidado e educação da/o(s) sua/seu(s) filha/o(s)? Quem? De que forma?

Como é para você ser pai sem a \_\_\_\_\_ (esposa/companheira)?

A lembrança/figura da \_\_\_\_\_ (esposa/companheira) se faz presente na vida da família de vocês de alguma forma? Como vocês lidam com as fotos, vídeos, histórias envolvendo a \_\_\_\_\_ (esposa/companheira)?

E para você como pai, ao cuidar dos filhos, a lembrança da \_\_\_\_\_ (esposa/companheira) se faz presente de alguma forma?

Vocês realizam algum ritual ou forma de lembrar da \_\_\_\_\_ (esposa/companheira)?

Como você entende que vocês, como família, estão hoje?

Como você acha que os seus filhos estão hoje em relação à morte da mãe?

Que momentos ou atividades você considera mais felizes em família?

E sem os filhos, você tem momentos de lazer e convívio social?

### **Futuro:**

Para finalizar, pensando no futuro, o que você imagina e espera para os seus filhos e sua família? E para você, o que espera?

Se você pudesse dar um conselho (uma dica) para um pai que perdeu a sua esposa recentemente, o que você diria?

Você gostaria de acrescentar algo ao que nós conversamos?